



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO – CCAE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

**Organização doméstica, questões de gênero e moralidade em um
grupo doméstico potiguara da Paraíba**

Silvana Moreira da silva

Rio Tinto-PB

Maio de 2019

Organização doméstica, questões de gênero e moralidade em um grupo doméstico potiguara da Paraíba

Monografia apresentada como exigência
para obtenção do grau de Bacharel em
Antropologia da UFPB.

Orientadora: Dr^a. Alexandra Barbosa da Silva

Rio Tinto-PB

Maio de 2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586o Silva, Silvana Moreira da.

Organização doméstica, questões de gênero e moralidade
em um grupo doméstico Potiguara da Paraíba
/ Silvana Moreira da Silva. - João Pessoa, 2019.

77f.:il.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCAE.

1. Indígena Potiguara, organização doméstica, gênero.

I. Título

UFPB/BC

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha querida e amada mãe, Maria Moreira da Silva (*in memorian*), que não pôde vivenciar esse momento, mas foi fundamental para sua realização.

Agradecimentos

Para a realização deste trabalho pude contar com apoio de algumas pessoas importantes em minha vida, apresento toda gratidão a elas.

Agradeço primeiramente às Deusas e Deuses, pelos direcionamentos.

Ao meu estimado pai, Antônio Dias da Silva e todos os familiares.

A Giselda Vieira, Jéssica e Jennifer, minha segunda família. Elas me ensinaram que o amor não está ligado ao sangue e sim ao coração.

As amadas amigas Vívía, Simone, Jislaine, Sandra, Janaina e Marianna Queiroz. Agradeço as contribuições de cada uma.

Agradeço imensamente a doutora Alexandra Barbosa, minha orientadora. Obrigada por ter acreditado e principalmente pela dedicação e incentivos. A ti toda minha admiração e carinho.

Aos meus queridos professores Fabio Mura e Carlos Xavier pela atenção e por terem me dado a oportunidade de participar de um projeto de iniciação científica (PIBIC).

Por fim agradeço às pessoas do grupo de dona Severina, na aldeia Jaraguá, pela realização desta pesquisa, por me receberem em seus lares e terem partilhado suas histórias. Agradecimento especialmente a Sônia, Márcia e dona Severina.

Resumo

Este trabalho é um primeiro esforço de analisar como mulheres indígenas potiguara enxergam a sua própria posição, nos papéis de esposa, mãe, mulher e principalmente como elas se veem dentro de seu grupo doméstico. No desenvolvimento deste esforço apontarei como se dá a socialização dos integrantes de um grupo doméstico da aldeia Jaraguá, que atualmente é chefiado por uma mulher, dona Severina, que após a morte de seu esposo ficou responsável por este seu grupo e que será o eixo central nesta pesquisa. Analisarei como se dão as relações de poder dentro deste grupo, onde os mais velhos tentam passar regras morais e ensinamentos para os mais novos. Uma perspectiva que me orientou na pesquisa foi a análise da divisão do trabalho por sexo, gênero e idade. Apresentarei, através de relatos, como os integrantes deste grupo veem a questão do gênero, partindo da visão machista de que mulher nasceu para cuidar da casa e dos afazeres domésticos e o homem para cuidar exclusivamente do trabalho de provedor do sustento, para testar até onde isto corresponde à realidade no grupo. Analiso as mudanças cotidianas na vida dos jovens e como isto é visto por eles e pelos mais velhos do grupo.

Palavra-chave: Indígenas potiguara, Organização doméstica, Gênero e Moralidade.

ABSTRACT

This work is a first effort to analyze how indigenous women can see their own position in the roles of wife, mother, woman and especially how they see themselves within their domestic group. In the development of this effort I will point out how the socialization of the members of a domestic group of the Jaraguá village, which is currently headed by a woman, Mrs. Severina, after the death of her husband was responsible for this group and that will be the central axis in this research. I will analyze how the relations of power take place within this group, where the elders try to pass moral rules and teachings to the younger ones. One perspective that guided me in the research was the analysis of the division of labor by sex, gender and age. I will present, through reports, how the members of this group see the gender issue, starting from the macho view that woman was born to take care of the house and household tasks and the man to take care exclusively of the work of provider of the sustenance, to test how far this corresponds to the reality in the group. I analyze the daily changes in the lives of young people and how this is seen by them and the elders of the group

Keywords. Indigenous Potiguara, Domestic Organization, Gender and Morality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
Capítulo 1: Processo histórico e apresentação do grupo.....	14
1.1: O grupo como unidade doméstica.....	19
1.2: Posições geracionais e suas dinâmicas.....	23
Capítulo 2. Socialização e Sociabilidade geracional.....	27
2.1: opiniões diversificadas de integrante para integrante	28
2.1.1: As escolhas estéticas	31
2.1.2: Negociações estéticas.....	35
Capítulo 3. Relações familiares e relações de poder.....	40
3.1 Padrões éticos e de moralidade	41
3.1.1 Comportamento dentro e fora do grupo	43
Capítulo 4: Machismo/Feminismo: a ótica do grupo doméstico de dona Severina.....	49
4.1: O papel da mulher frente ao posicionamento do marido.....	53
4.2: Tarefas “de homens” e “de mulheres” na unidade habitacional de Sônia.....	54
4.2.1 A relevância da opinião de Márcia em seu grupo como um todo	55
Capítulo 5- Manutenção de uma casa: divisão social do trabalho por gênero e idade no grupo doméstico.....	59
5.1.1: Ganhos e gastos da unidade doméstica de Márcia	63
5.1.2: Ganhos e gastos da unidade doméstica de Sônia	68
Considerações finais	73
Referências bibliográficas.....	74

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca refletir sobre como é realizada a organização doméstica em um grupo potiguara, como se apresentam as questões de gênero e de moralidade. O grupo pesquisado tem como principal protagonista dona Severina. Para seus descendentes e demais parentes, ela representa referência e sabedoria para todo o seu grupo. No desenvolvimento do trabalho, apresento, no primeiro capítulo, os membros do grupo, salientando que este se encontra em sua terceira geração. Assim, um ponto que é especificamente levantado é de como efetivamente se dá a divisão social do trabalho por idade e gênero dentro deste grupo doméstico. Procurei desenvolver este tópico levando em consideração como são efetuadas as formas de cooperação entre os integrantes deste grupo, ou seja, quais as tarefas são desenvolvidas e como é realizada a administração financeira com gastos e ganhos de cada membro. Uma questão que foi meu ponto de partida era procurar captar as ações e entendimentos partindo das mulheres do grupo.

A realização da pesquisa possibilitou ver que estas mulheres desempenham um papel de suma importância no grupo e na família conjugal, tanto para os filhos quanto para os esposos. Questionei os companheiros com intuito de saber como eles avaliam a participação e a contribuição de suas esposas dentro do espaço doméstico. As questões apontam uma similaridade na resposta dos dois cônjuges masculinos presentes no grupo, o que quer dizer que, para eles, partindo do ordenamento doméstico as mulheres desempenham um lugar de importância que é igual ao dos esposos. Perguntei para estes esposos como viam a representatividade das mulheres, seja como companheiras ou mães. E ao questionar quem é o “chefe do lar” ambos sorriram e responderam que eram eles e também elas, pois as esposas são quem geralmente resolve os afazeres domésticos e os imprevistos do dia a dia.

Eles acrescentam que sempre que se faz necessário uma ação seja ela corriqueira, como precisar ir até a cidade, pagar uma conta que está vencendo ou vender uma galinha “para inteirar” um dinheiro, por exemplo, isso sem o esposo se encontrar em casa, que eles ao serem comunicados, aprovam e comungam com as ações que as esposas precisaram tomar.

O exposto nos remete a citação de Fonseca (2004) ao enfatizar que “por causa da estrita segregação de papéis conjugais que, entre outras coisas, delega a mulher a

responsabilidade pelas crianças, são as mulheres enquanto mães que se tornam o centro da relação familiar e social”. Isso remete a importância que os esposos de Sônia e Márcia atribuem a elas, sendo que estes desnaturalizam a expressão chefe do lar quanto a sua titulação de chefe. Eles analisaram a questão pela ótica da resolução efetiva dos afazeres principalmente domésticos, mas também os econômicos. Observo que a partir das colocações dos maridos o intento de trabalhar a expressão chefe do lar significa dizer que, a partir das primeiras idas a campo, percebi que faria sentido usar esta categoria de “função doméstica dentro do grupo de dona Severina, para enfatizar que as funções não competem a um determinado gênero. Contrapor uma ideia de que chefe está ligado somente à figura masculina. Tanto Sônia quanto Márcia organizam as finanças e contribuem na administração de suas famílias conjugais. Como também dona Severina e suas organizações em seu âmbito domiciliar. As ações das mulheres são voltadas ao funcionamento das atividades domésticas e econômicas. Além disso, a pesquisa trouxe informações sobre a socialização e a sociabilidade entre os membros do grupo doméstico.

Para analisar essas questões é importante partilhar como foi o desenvolvimento da minha relação com a Antropologia e, em seguida, mais especificamente com o grupo doméstico que é meu foco aqui. O primeiro contato com o que seria o universo antropológico deu-se a partir da fala de uma professora quando eu ainda cursava o Ensino Médio. Ela fez uma breve abordagem do que seria a antropologia e desde então me interessei em estudar. Ingressei na Universidade Federal da Paraíba no ano de 2013 na cidade de Rio Tinto e hoje venho compartilhar o trabalho de conclusão de curso e minha primeira experiência como pesquisadora. A antropologia oferta diversos recursos metodológicos e técnicas a se seguir e depende de o pesquisador adotar um que esteja condizente ao o que lhe é posto em campo. O método que adotei foi o da observação participante, partindo dos trabalhos de: Barth (2000), Fonseca (2004), Mauss (1934), Marques (2009), Mura e Barbosa (2012), Oliveira (2008), Palitot (2005), Queiroz (2015), Wilk (1984), Max Weber (1921-[1999]). Malinowski (1922) e Claudia Fonseca (2004). Malinowski por ter sido pioneiro, ou seja, um dos primeiros antropólogos a experimentar o método de observação participante e Claudia Fonseca por seguir o mesmo método e pela visão que ela tem de como se trabalhar em campo. A autora coloca em seu trabalho que aprendeu o ofício fazendo diário de campo à luz de um lampião de querosene. Assim, como pesquisadores, somos orientados a levar na bagagem de campo instrumentos, principalmente o diário de campo. Ainda Fonseca (2004, p. 6) enfatiza que “os fragmentos tirados do diário de campo dão lugar nesses ensaios a enredos e encenações montadas explicitamente para dialogar com ideias existentes - tanto no senso comum quanto na comunidade científica”.

Mesmo seguindo esse método, suas técnicas de registro e as orientações de como agirem campo, tive a percepção de que no meu campo os instrumentos que devemos levar nem sempre permitiam fluir bem a pesquisa e davam resultados como o esperado. Era notório para mim que a conversa fluía bem com meus interlocutores, mas sem a presença de gravadores de voz, máquina fotográfica, cadernetas, canetas e lápis ou quando eu apenas anotava alguma coisa no diário, ali mesmo na frente deles. Não quero dizer que estes instrumentos não sejam importantes, mas estou especificando como ocorreu o trabalho com o grupo aqui pesquisado. Era também comum ouvir em meio a conversas frases do tipo “Isso tu não escreves não, fica somente entre a gente”. Isso significa que as próprias pessoas apresentavam um controle sobre o que seria permitido que eu apresentasse. Com relação ao diário, tive o cuidado de escrever tópicos e organizá-lo de forma que mais tarde em minha casa poderia lembrar e transferir as conversas e os dados. É pertinente lembrar Fonseca (2004) quando diz que “os dados para serem expostos eles precisam ser moldados pelo pesquisador, os dados não falam por si somente”. A anotação no diário era um modo para poder depois trabalhar os dados.

No curso de graduação em Antropologia também aprendi sobre as várias armadilhas que o campo pode oferecer, e esquecer um simples detalhe de uma conversa que não foi anotada pode resultar em uma grande perda de informação, ou seja, em campo o pesquisador precisa estar atento a todo tipo de informação. Fonseca (2004) compartilha para refletir nesse sentido que “Não existe método sem calcanhar-de-Aquiles é obviamente importante fazer a exegese sistemática de qualquer método eleito pelo pesquisador refletindo sobre suas fragilidades”.

Na maioria dos encontros e conversas com interlocutores falávamos de assuntos relacionados à pesquisa, às vezes fluíam como uma espécie de confissões, conversas soltas e esporádicas, descontração e algumas vezes como desabafo, ou seja, relatavam problemas de cunho pessoal, que estavam além dos temas que eu colocava para elas da pesquisa. Procurei, contudo, seguir os protocolos cabíveis, onde os indivíduos terão seus direitos assistidos sobre o que posso tornar público ou não. Assim, tudo aqui descrito foi com permissão destes. Entendo que o trato dos assuntos expostos pelos interlocutores em campo é de minha total responsabilidade e procurei apresentar os temas de forma clara, mas com certo cuidado de não exibir intimidades e assuntos pessoais. Busquei publicar os dados de forma que não a imagem e nem a dignidade dos interlocutores, digo isso pois trabalho com questões de gênero, com crianças, idosos e trago para o trabalho uma questão referente à orientação sexual de um dos integrantes do grupo pesquisado. Sigo mantendo a consideração com as

pessoas do grupo e preservando-o, mas também com o ofício de apresentar os dados, esse é um dos papéis do pesquisador social.

A aproximação continuada com os interlocutores facilitou o acesso aos dados em todos os sentidos, ao demonstrar confiança, no caso do que será tornado público e no que ficará em sigilo o pesquisador ganha em troca uma maior interação de como se dá a vida social das pessoas. As particularidades de cada uma mostram o lado emocional e afetivo presentes no grupo. Além das falas destes, as observações feitas permitiram ver a presença de familiares que chegavam nas casas e a dinâmica interacional com vizinhos, amigos e até com os animais de estimação, ou seja, uma maior aproximação permite ao pesquisador aprofundar mais sobre os detalhes do cotidiano e da vida do grupo e para isso apostei na importância que tem o olhar etnográfico.

Para explicar a organização e as dinâmicas dentro do grupo de dona Severina considero pertinente compartilhar do pensamento Wilk (1984) ao apresentar o que seria “grupo doméstico” e o que seria “família”. Para o autor grupo doméstico é aquele grupo onde existe uma cooperação direta entre os integrantes para sua própria manutenção em termos econômicos, daquilo que ele está chamando de produção e consumo. E família, ela pode também em muitos momentos ser sinônimo do grupo doméstico. Para analisar o grupo de dona Severina como unidade doméstica, apresento o pensamento deste autor nesta obra, onde ele tem como foco o grupo doméstico (“household”) entendido enquanto unidade de residência, produção e consumo, uma unidade de pelo menos três gerações, que se define em função de outros critérios que não só os de parentesco. “As one of us remarked, my dog is a member of my household but not of my family. O pensamento de Wilk é de que “os grupos em geral seguem basicamente as mesmas formas”, ou seja constituídos pela pessoa central, filhos casados, filhos solteiros e netos, ele diz que não devemos considerar os grupos domésticos de modo homogêneo, pois nem sempre eles se organizam do mesmo modo.

Colocados em perspectiva dos integrantes desse grupo e a respeito de como lidam com questões sociais que envolvem gênero, atividades ocupacionais, moral e economia, pude perceber em campo que eles próprios, em especial as mulheres (seja dentro do contexto doméstico ou para além dele, como no caso das vendas dos produtos que são realizadas por elas, e de outras atividades que estas desenvolvem) que há uma satisfação pessoal tanto para elas quanto para o grupo como um todo, pelo trabalho que elas realizam, sendo que as interlocutoras desempenham um papel imprescindível, pois o trabalho desenvolvido e a renda obtida por elas as tornam importantes participantes financeiras dentro de seu grupo.

Assim sendo, apresento o resultado da pesquisa em seis capítulos. No primeiro trarei dados para compreender a organização do grupo. Farei referência ao período histórico da invasão europeia e da resistência e permanência dos Potiguara em suas terras, apesar de muitos desafios considerarei também a apresentação dos integrantes do grupo neste território potiguara, as posições geracionais, dados ocupacionais e sobre o olhar da mulher sobre si, dentro do grupo doméstico enfocado. Apresento como se deram as dinâmicas e transformações neste grupo, em um período de tempo a partir do trabalho que foi realizado por Araújo, concluído em 2015. A autora realizou seu trabalho de conclusão de curso com este mesmo grupo, de modo que farei um comparativo dos dados obtidos em sua pesquisa com os atuais, de minha autoria.

No segundo capítulo tratarei sobre a socialização, a sociabilidade e a estética no seio do grupo, sobre como os indivíduos mais velhos veem a forma de vestir dos mais novos e apresento algumas opiniões diversificadas de integrante para integrante.

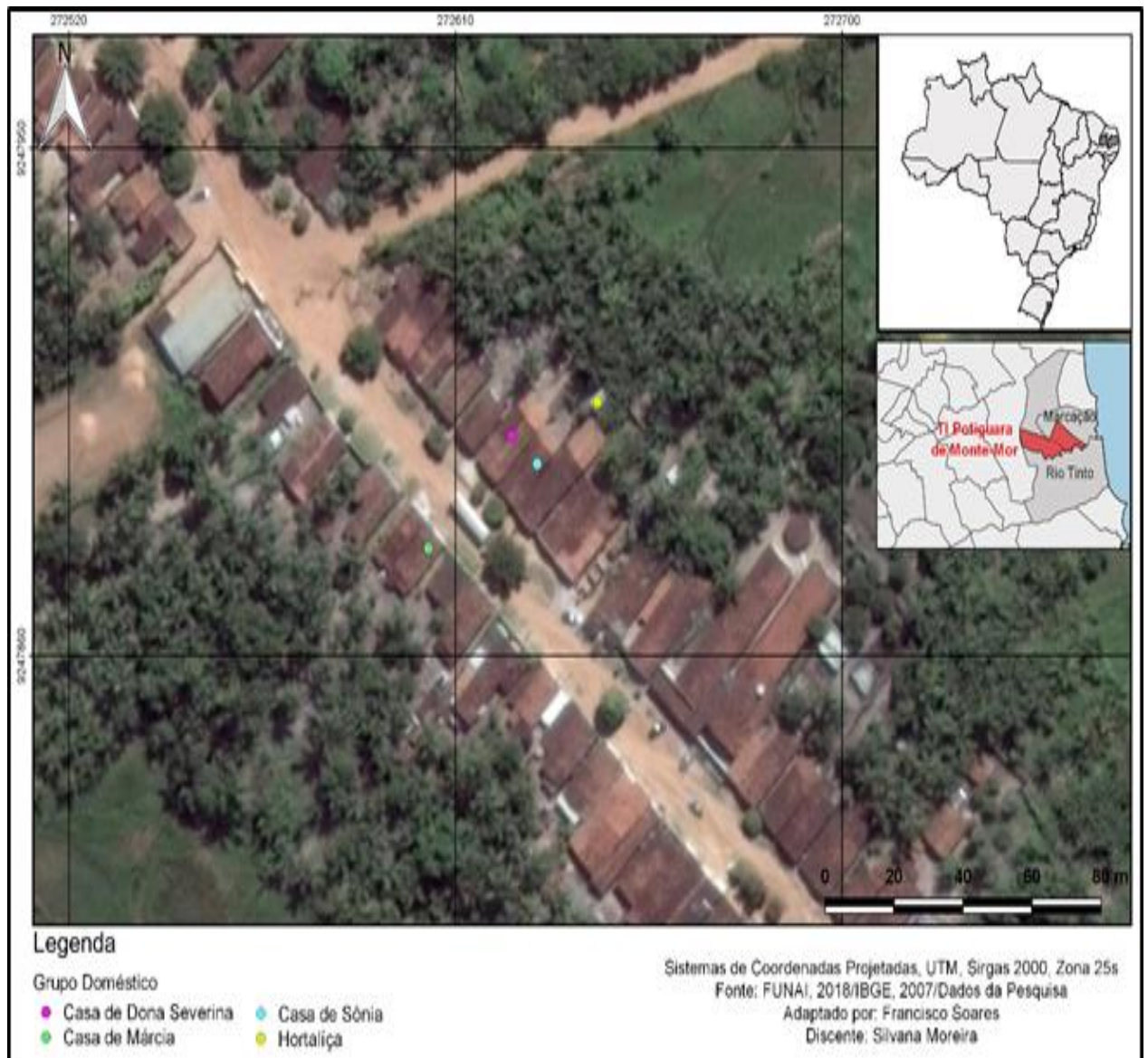
No terceiro capítulo abordo sobre as relações familiares e de poderes, sobre moralidade dentro do grupo, pelo fato de que estes aspectos se apresentaram durante a pesquisa.

No quarto capítulo tratarei especificamente sobre o olhar e as concepções da mulher, de como elas se posicionam dentro do grupo doméstico e como elas enxergam questões relacionadas aos papéis sociais, buscando compreender como as noções de machismo e de feminismo poderiam se colocar para o grupo.

No quinto capítulo apresento como é realizada a divisão social do trabalho no grupo, e como são empregados os ganhos e gastos dos integrantes, ou seja, a manutenção da casa, casa no sentido de unidade social; E como o patriarcado influi a essas questões postas.

O espaço físico da pesquisa foi a aldeia Jaraguá. Ela fica ao lado de uma aldeia de maior porte que é Monte-Mor. Araújo (2017, p.16) diz que a área de abrangência é composta por diversas ruas, a primeira delas é conhecida por Rua Principal. Essa rua possui duas ramificações, uma que se estende até os locais denominados Regina I, II e a Jaqueira e a outra ramificação possibilitam o acesso à aldeia Monte-Mór.

O mapa abaixo, foi criado através do programa QUANTUM-GIS. Este é um programa de Sistema de Informação Geográfico com código aberto e licenciado sob a licença pública geral (GNU). O programa possibilita visualizar, criar, editar, compor e analisar dados criando mapas imprimíveis



MAPA: 1-Localização das casas e da horta

Capítulo 1: Processo histórico e apresentação do grupo

Os registros apontam que foi por volta dos séculos XVII e XIX que se iniciou a conquista do território Potiguara pelos Europeus. E nestes termos, destaco que o papel da terra é de extrema importância para os povos indígenas, pois esta tem um valor cultural e de sobrevivência. Mostra-se relevante mencionar de início os dados históricos apresentados por Marques (2009). A autora apresenta como este período foi marcado por lutas e resistências.

No início do século XVII, o primeiro historiador brasileiro, nascido na colônia, um franciscano que se chamava Frei Vicente de Salvador, escreveu uma história do Brasil, cem anos após a ocupação portuguesa do atual território brasileiro. Num certo momento conta a luta dos portugueses contra os índios Potiguara e com orgulho narra que os portugueses enfiavam os prisioneiros indígenas nos canhões para dispará-los contra os índios que ainda resistiam. Era um orgulho cristão, a fé contra a fé. Frei Vicente do Salvador morreu há mais de trezentos anos, mas os índios Potiguara lutam ainda na Baía da Traição, na Paraíba. É provavelmente, a mais longa história de conflito entre um povo indígena da América e os conquistadores. Frei Vicente do Salvador está morto, mas os índios estão ainda vivos, anunciando, como povo, que não querem morrer. (MARTINS, 1993, p.17, *apud*, MARQUES, 2009, p. 88).

Os Potiguara estão situados administrativamente entre os municípios paraibanos de Baía da Traição, Rio Tinto e Marcação. Esses municípios encontram-se inseridos na Microrregião do Litoral Norte e, por conseguinte, na Mesorregião geográfica da Mata Paraibana. Marques enfatiza que no ano de 1603 iniciou-se a disputa territorial entre os Potiguara e europeus. Essa disputa iniciou com a criação de três aldeamentos, os da missão de São Pedro e São Paulo, a Baía da Traição e Monte-Mór. Jaraguá, a aldeia em que pesquisei, está inserida na Terra Indígena (TI) de Monte-Mór, reconhecida deste modo pelo Estado brasileiro já na segunda metade do séc. XX.

Palitot (2005, p. 50.) Relata a respeito de um novo cenário, por volta de 1970. Nesta data ocorreu o início da demarcação das terras dos Potiguara. O autor atribui a ação a autores ligados à igreja católica. Enfatiza que “A perspectiva de demarcação das terras indígenas foi a

maior mudança trazida pela ação dos novos atores ligados à igreja católica e ao nascente movimento indigenista em nível nacional”.

Um dos períodos mais marcantes para estes povos se deu durante o século XX, com a instalação de uma fábrica de tecido na cidade de Rio Tinto. Isto teve como protagonista a família Lundgren. O período foi marcado por “conflitos e usurpação do território tradicional Potiguara”. Apresento relatos do trabalho de Marques de como se davam momentos de torturas que integrantes dos Lundgren realizavam com os indígenas, grande parte deles passando a ser empregados da fábrica de tecidos, a autora coloca que segundo informações:

O coronel Lundgren escolhia os trabalhadores a partir das mãos. Para ele, o homem bom para ser funcionário da fábrica seria aquele que tivesse as mãos calejadas (Marques, 2009, p. 116).

Alguns indígenas chegaram a desaparecer, outros foram silenciados” (Marques, 2009, p.117).

Para os trabalhadores mais velhos da fábrica, e considerados secundários no trabalho fabril, era cedido um pequeno roçado para que eles produzissem alimentos (Marques, 2009, p.117).

Em 1980 a fábrica Companhia de Tecido rio Tinto (“CTRT”) perde competitividade e vende grande parte da terra para usinas de álcool. Este fato leva os indígenas a se mobilizarem pela demarcação das terras. Palitot argumenta que “O processo de regularização fundiária da Terra Indígena Potiguara de Monte-Mór é produto destas novas situações políticas e econômicas na região” (Palitot, 2005, p.73).

Pacheco de Oliveira (2004) faz uma argumentação sobre as transformações exercidas pelos colonizadores sobre os povos indígenas no nordeste do Brasil, como também a tentativa de homogeneização destes, tendo como base a catequese: “Através da catequese este foram obrigados a abandonar as línguas nativas e a se misturarem com europeus e afrodescendentes”. (OLIVEIRA, 2004, p. 17)

Um dos objetivos de explorar o processo histórico envolvendo o potiguara foi indicar, muito brevemente, que desde o período da dominação europeia até a retomada de suas terras, no século XX, os Potiguara do litoral Norte resistiram em seu território e permanecem até hoje desenvolvendo suas atividades ali. Os estudos de Palitot (2005) e Marques (2009) apresentam uma reflexão de como este povo resistiu a violências, em um processo de luta. É

importante ressaltar que o resultado desta luta e a recuperação de posse da terra permitiram a estes índios estarem onde estão, desenvolvendo um modo próprio de vida.

No desenvolvimento de sua análise, destaca Palitot (2005, p.78) a importância que teve a aldeia de Jaraguá no processo de demarcação do território indígena. O autor enfatiza que “Tudo indica que o início de uma mobilização territorial em Jaraguá deu-se a partir de 1982, com os moradores identificando-se como trabalhadores rurais e clientela de reforma agrária”. O autor cita referências fornecidas em entrevistas com índios de Jaraguá, nas quais afirmam que o começo de sua *luta* contou com o apoio dos sem-terra e da CPT – Comissão Pastoral da Terra,

A Fazenda Jaraguá foi objeto de denúncia à Fetag por parte dos trabalhadores em 22 de julho. Através de uma carta-denúncia os moradores do imóvel relatam que estavam sendo ameaçados pelo grupo empresarial Agropastoril Rio Vermelho, de terem suas louças destruídas pelo gado. Além disso, vários agricultores teriam sido proibidos de retirar capim e cipó da mata e de pescarem caranguejo no mangue localizado no interior da propriedade. Segundo o documento citado, os problemas com a empresa surgiram depois que a mesma iniciou um projeto econômico de exploração da madeira na mata ali localizada, bem como de criação de gado para corte e plantio de coqueirais. A partir desse momento eles viram seus roçados serem ameaçados de extinção para dar lugar a essas atividades. Diante disso pediam providência à Fetag para evitar que fossem expulsos. [...] (MOREIRA, 1997, *apud* PALITOT, p.78, grifo meu).

Jaraguá faz parte deste universo e foi fundamental no processo de retomadas de terras, como já dito.

Nesta presença em seu território, as principais fontes de recursos que o grupo que pesquisei em Jaraguá realiza são a pesca e trabalho no roçado. Tratarei deste assunto em outro tópico. Apresento a seguir o grupo doméstico que pesquisei, composto por dona Severina e seus três filhos.

Como mencionado, o grupo doméstico pesquisado por mim é o grupo de dona Severina. Assim, passo a apresentar esta senhora e faço uma descrição sobre seus filhos, apontando quem são eles, onde residem e quais as atividades que cada um realiza.

Severina- Natural da cidade Baía da Traição nascida e criada na Aldeia São Miguel, tem sessenta e seis anos de idade, viúva e mãe de três filhos: Maria, Sônia e Raminho. Dona

Severina relata que desde muito cedo aprendeu com sua mãe a trabalhar no roçado e nos afazeres domésticos. Perdeu seus pais quando ainda criança e precisou morar um tempo com sua avó e depois foi morar no Rio Grande do Norte com a madrinha. Após um ano voltou a morar com sua avó em Marcação. Assim como Jaraguá, Marcação também faz parte da TI Monte-Mór. Ao voltar para Marcação, conheceu Severino, casou-se, vieram morar em Jaraguá e constituíram sua família. Trabalharam um tempo no mangue¹ e em seguida ambos conseguiram um emprego em uma empresa, após a falência dessa empresa, eles resolveram construir um roçado no fundo de sua casa. Considero esta informação importante para meu trabalho, pois aqui se percebe que mesmo conseguindo trabalhar em outro ramo, no caso da empresa privada, dona Severina e seu Severino prosseguiram suas atividades no roçado. Onde o roçado sempre foi a principal opção para os grupos indígenas, principalmente no que diz respeito a agricultura de subsistência. O roçado deu certo e até hoje é de lá que dona Severina tira parte da finança para ajudar nas despesas da casa. Este espaço, construído por seu Severino e dona Severina, foi dividido em três partes, uma doada para a filha Sônia e a outra para a nora Márcia.

Já aposentada e “com o corpo cansado”, como ela diz, dona Severina revela que sente falta de seu companheiro. E com relação às finanças, as mudanças não tiveram grandes impactos, pois após o falecimento de seu Severino ela passou a receber uma pensão de viuvez. Afirmo que o valor da pensão substitui as despesas que eram realizadas por seu Severino. As realizações diárias na horta exigem esforço físico e horas de dedicação, afirma dona Severina, mas que mesmo cansada e com bastantes dores nas pernas, nada impede a execução de seu trabalho. Além de ser sua fonte de trabalho, dona Severina diz que enxerga seu roçado como um local de prazer e satisfação: “É aqui nessa roça onde eu mais me sinto bem”.



¹ O mangue ou manguezal é um ecossistema costeiro que ocorre na transição entre a terra e o mar em regiões tropicais, ocupando ambientes inundados por marés, tais como: estuários, lagoas, costeiras, baías e deltas.

Imagem 1: dona Severina irrigando a plantação

Maria- é a filha mais velha de dona Severina, aposentada, tem dois filhos: Vanilson e Tinha. Os três moram com dona Severina. Maria esporadicamente no roçado da mãe, dona Severina, pois depois que teve um câncer seu trabalho na horta ficou limitado, com isso a ajuda de Maria é mais nos afazeres doméstico do que na horta. A filha ajuda nos trabalhos de casa e o filho pega e vende caranguejos.



Imagem 2: Maria (foto de Marianna Queiroz)

Sônia- casada com Silvinha, mãe de Cristiano, Leonardo e Rafael. Sônia, como explicado acima, trabalha na horta, na parte que foi doada por sua mãe, é responsável por vender todo seu material que saí do roçado e os peixes que Silvinha traz do mangue. Sônia e Silvinha convivem juntos há muitos anos e casaram-se oficialmente recentemente, em um casamento comunitário que aconteceu na Vila Regina, na própria aldeia. Segundo Sônia, o casamento tradicional seria seu maior sonho.



Imagem 3: Sônia irrigando a plantação

Raminho- Filho mais novo de dona Severina. Casado com Márcia, pai de Grazielle e Gleison. Desenvolve atividade de taxista e agricultor. Raminho, conta que aprendeu a trabalhar no roçado com o pai e que desde pequeno trabalha na agricultura. Já trabalhou em usina, mas saiu e passou a ser taxista em Rio Tinto. Além de fazer frete, Raminho tem um roçado em Jaraguá onde planta coco e maracujá, existem outros produtos, mas esses dois citados são os produtos que Raminho considera principais para seu negócio, os demais produtos servem mais para consumo.

1.1: O grupo como unidade doméstica

Estas pessoas do grupo vivem todas na aldeia Jaraguá, exceto um filho de Sônia, Leonardo, que mora em São Paulo, trataremos desse assunto mais adiante.

Seguindo o pensamento de Wilk pude classificar o grupo doméstico de Dona Severina como “unidade flexível” (em inglês no original, sendo loose). Sobre isto Mura e Barbosa (2012) apontam que:

[...]. No segundo caso (loose), embora seus integrantes continuem cooperando entre si em algumas tarefas e estejam voltados a prover a unidade doméstica como um todo, podem também desenvolver atividades diferenciadas entre si (como envolver-se no comércio ou em trabalhos assalariados), fazendo com que cada unidade habitacional possa estabelecer estratégias de ação específicas, com certa autonomia. (MURA E BARBOSA, 2012, p. 99).

O grupo doméstico de dona Severina vive basicamente da pesca e da agricultura familiar e há uma variedade de atividades que possibilitam seus sustentos, exemplo, os trabalhos para fora do grupo, como é o caso de Raminho. Esse se dedica um turno no roçado e o outro como taxista. Sonia e Márcia, isto é, filha e nora de dona Severina, recebem o pagamento de programa do governo federal chamado Bolsa família. Temos na aldeia Jaraguá, neste grupo o que Wilk vai chamar de *household cluster loose*, onde Dona Severina é a pessoa de referência principal, com os filhos morando próximo a ela coabitando, dividindo as tarefas e havendo cooperação entre os grupos. Refiro-me a expressão “coabitar” a partir do pensamento de Wilk, o autor expõe que coabitação não necessariamente os integrantes do grupo precisam estar morando perto e isso não faz com que as pessoas percam os laços e a cooperação existente entre os membros. No grupo de dona Severina os filhos estão todos próximos, fazendo com que exista uma interação forte e presente de cooperação, principalmente nas questões de sociabilidade e econômica, pois ficam todos ali muito concentrados na horta e nas casas, por exemplo, e no terreiro de Sônia limpando o peixe que Silvinha traz, ou seja, dona Severina e Márcia ajudam na tarefa de limpar o peixe, que compete à renda de Sônia e Silvinha, Maria ajuda na horta que compete à dona Severina e por aí vai.

Esse sentido de cooperar, de ajudar nas tarefas, é essa ideia de um grupo mais flexível que Wilk vai chamar de grupo doméstico *loose*, este tem atividades voltadas para dentro e para fora do próprio grupo, a exemplo disso temos Raminho que já trabalhou em usina e hoje trabalha como taxista. Há também Leonardo, filho de Sônia, que foi para São Paulo, mas mesmo morando em outro estado todo mês manda uma quantia para ajudar sua família.

Quero destacar a importância que tem dona Severina para seu grupo e também para minha pesquisa, pois além de ser mãe, sogra, nora e avó ela é a figura que é vista pelo grupo como representação de mulher e matriarca, ela ficou com o legado de apoiar e de dar continuidade às práticas e ensinamentos a seus filhos e netos após o falecimento de seu esposo. E foi através de seu grupo e com seu consentimento que pude me aproximar dos integrantes e desenvolver meu trabalho.

Fonseca (2004) faz uma colocação onde enfatiza que um ponto do modelo matrifocal estaria ligado em uma ênfase nas relações entre mulheres. A autora aponta em seu trabalho que este fato se dá por elas serem os elos principais das redes familiares.

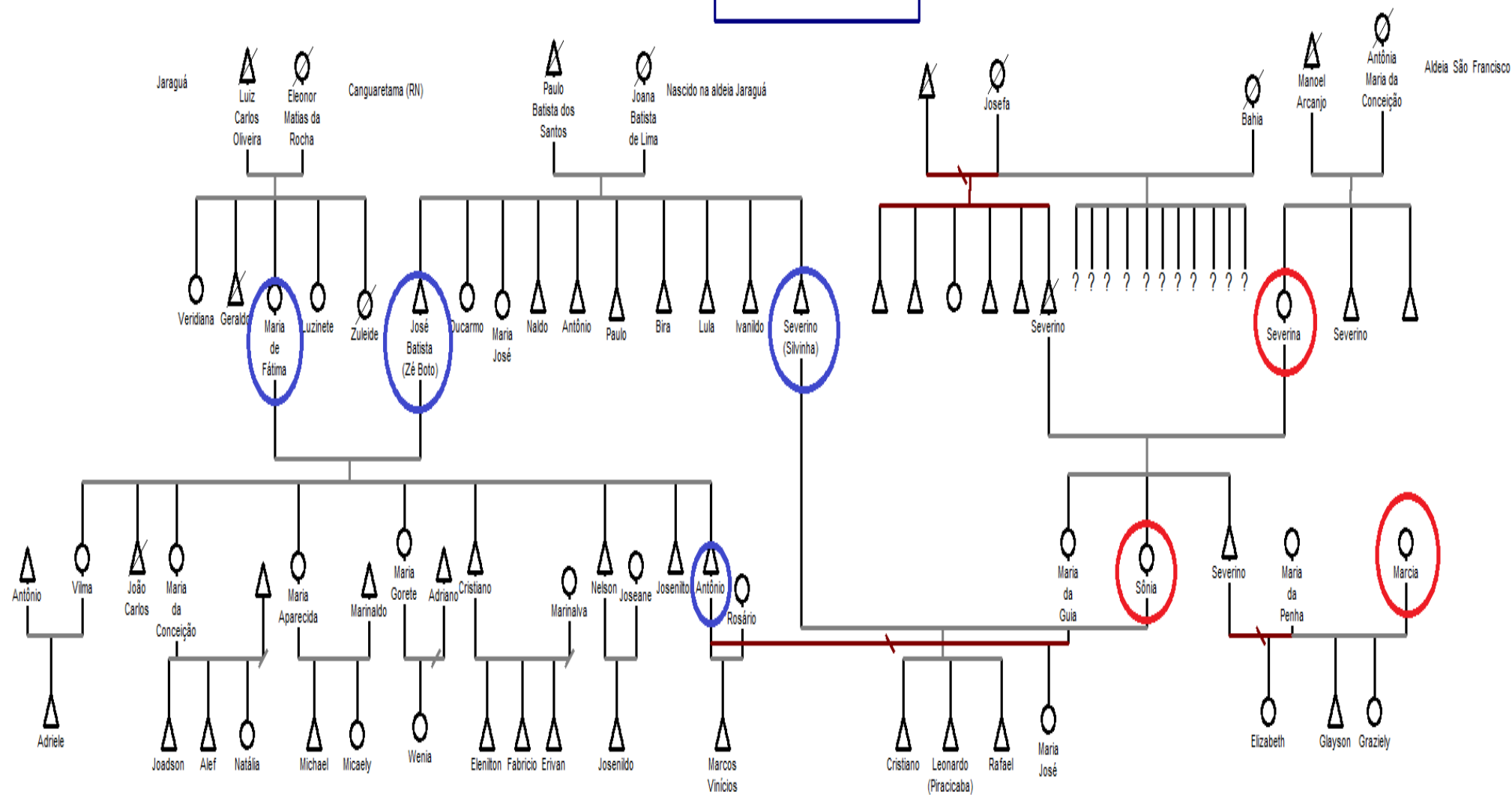
Sistema matrifocal, a autoridade materna cresce com a idade dos filhos, com as quais a mãe forma um bloco político. Mas tal processo ocorre somente quando a intimidade entre mãe e crianças continua durante a adolescência e a vida adulta dos filhos. (FONSECA, 2004, p. 125).

Após a morte de seu Severino Dona Severina mandou construir duas obras em sua casa, uma foi à construção de um muro, entre a sua casa e a casa de Sônia e a outra foi à construção de uma casa para a neta, Tinha, filha de Maria, a neta despertou o desejo de casar e a avó preferiu que a neta permanecesse por perto. Segundo dona Severina o casamento não deu certo e a neta acabou separando do marido, passado um tempo Aline casou-se com um conterrâneo, mas em pouco tempo resolveram ir morar no Estado do Rio de Janeiro, dona Sônia diz nunca ter concordado com a partida da neta, mas entende que realmente ela estava certa em acompanhar o esposo. O termino do casamento com o segundo esposo também aconteceu e ao saber do acontecido a avó imediatamente mandou a neta voltar para casa.

Na última visita a campo, dona Severina contou-me que juntou um dinheiro para fazer um serviço em sua casa. Pretende mandar derrubar a parede da casa da neta, Tinha, e unir as duas casas. O objetivo é formar uma única casa. Disse que a neta conheceu um rapaz e ela quer acompanhar o relacionamento de perto. A avó diz acreditar que estando por perto da neta, tanto ela quanto Maria podem orientá-la melhor. Aponta que “a neta é uma boa menina, mas que infelizmente não teve sorte no primeiro casamento”. Pretende passar para a neta ensinamentos que devem ser adotados quando uma mulher resolve se casar. Coloca que “uma mulher quando arruma um casamento ela tem que ter responsabilidade com sua casa, filhos e marido”. Disse também preferir que seus filhos e netos morem todos perto dela.

Os três filhos de dona Severina permaneceram morando em Jaraguá. Raminho casou-se com Márcia e passaram a morar em uma casa em frente à casa de dona Severina. Já Sônia, casou-se com Silvinha e mora ao lado da casa de dona Severina. Tanto Márcia quanto Silvinha, engajaram-se na família dos cônjuges. A figura e a determinação de dona Severina para com seu grupo é o que possibilita a permanência dos seus sempre fazendo parte do mesmo grupo. Ela aceitou Márcia, sua nora e Silvinha seu genro e deu condições para que estes permanecessem por perto, cedeu parte de sua roça para que Márcia pudesse plantar, assim como Sônia. Ao ceder parte do roçado, dona Severina facilita a vida financeira dos filhos como também de Silvinha e Márcia. O diagrama exposto abaixo corresponde ao grupo doméstico de dona Severina. A imagem é originalmente da dissertação de Araújo (2017, p. 47).

DIAGRAMA 1: PARENTELA DO GRUPO
DOMÉSTICO DE DONA SEVERINA



1.2: Posições geracionais e suas dinâmicas

A convivência interna dos integrantes do grupo doméstico e o acompanhamento dos mais velhos sobre a vivência e comportamento dos mais novos produzem modelos de opiniões diversificados entre as gerações, ou seja, os mais velhos querem transmitir o que acreditam ser correto para os mais novos. Utilizam-se de opiniões e conselhos e almejam que seus netos, filhos, sobrinhos, sigam os preceitos que essa geração mais antiga recebeu de seus pais. Acho importante refletir sobre o exposto, pois o que essas gerações apresentam hoje, elas também passaram por situações semelhantes com seus pais, avós etc.

Uma vez que as crianças desde cedo acompanham os passos dos pais, digo isso com relação a trabalho e fazeres domésticos, essas crianças passam a agir com certas similaridades as ações de seus pais. Se faz necessário dizer que não há generalização, ou seja, não é porque o filho cresce na agricultura que necessariamente ele será um agricultor nem sempre o indivíduo vai aprender na integral, eles passam por processo de aprendizado ao longo de suas vidas. A autora Silva (2013) destaca que, as crianças não trabalham com tanta intensidade quanto os adultos, suas atividades são para eles um momento de lazer. A autora vai colocar que:

Em uma família de agricultores a profissão dos pais é aprendida desde cedo pelos filhos e a família assume um papel fundamental no processo de socialização, transmitindo às crianças e jovens normas e padrões culturais gerados pela sociedade bem como os primeiros contatos das crianças com o trabalho agrícola é incentivado pelos seus pais. (SILVA, 2013, p. 84)

Neste capítulo farei uma conexão com o trabalho de Araújo (2015) A autora realizou sua pesquisa no ano de 2012 com este mesmo grupo, o de dona Severina. Analiso e apresento alguns pontos apresentado por Marianna com relação aos dados recentes, relacionados à minha pesquisa, como por exemplo, as mudanças ocorridas pós-morte de seu Severino, com quem dona Severina se casou. Um fato muito marcante para o grupo de dona Severina foi o falecimento deste. A partir de então foi dona Severina que ficou sendo a figura de referência para seu grupo. Não quero dizer com isso que antes não fosse, mas o fato dela ficar sem o esposo fez com que automaticamente a figura dela se destacasse mais, passando a ser a figura exemplar para todo seu grupo. Como informou Araújo (2015)

Seu Severino trabalhou muitos anos na maré como pescador, mas, hoje não se dedica a essa atividade por problemas de saúde, seu filho Raminho aprendeu com ele a pescar, quando este não está trabalhando no corte da cana se dedica a pesca para gerar recursos. [...] (ARAÚJO, 2015, p. 25).

As mudanças que ocorreram a este grupo são perceptíveis tanto logo após morte de seu Severino como no cotidiano presente. Darei alguns exemplos baseado no que pesquisei em campo, alguns mais antigos, como a desaprovação por alguns membros do grupo com relação à orientação sexual de um dos integrantes. Adiante trarei mais detalhes deste fato. Mas que estão intercalados nessas mudanças recentes e com resultados diferentes, onde em um primeiro contato encontramos algumas situações e já em um segundo momento algumas delas foram resolvidas.

Uma mudança significativa após o falecimento de seu Severino foi a partida de Leonardo para São Paulo, pois essa mudança mexeu com a estrutura econômica e afetiva do grupo. Leonardo é o filho do meio de Silvinha e Sônia. Quando chegou à São Paulo, Leonardo revelou sua orientação sexual a família e esta revelação levantou questionamentos e atritos dentro do grupo familiar. Ao ver que o pai, Silvinha e a avó, dona Severina, não aceitaram a orientação do filho. Sônia, a mãe, ficou do lado do filho e foi contra os posicionamentos de dona Severina, avó de Leonardo e se Silvinha, seu esposo e pai de Leonardo. Acredita que a partida do filho para São Paulo tenha sido a decisão mais acertada que ele tomou.

Sônia diz acreditar que a atitude do filho em assumir sua orientação sexual concretizou-se após o fato do falecimento de seu avô. Segundo a mãe, Leonardo nunca teria coragem de assumir tal atitude, caso seu avô estivesse vivo, pois, não só Leonardo, mas todos do grupo sentiam e demonstravam um grande respeito a seu Severino.

Gostaria, neste ponto, de trazer a discussão sobre a concepção de “respeito” colocado por Sônia com relação ao “respeito” exercido dos integrantes do grupo ao seu Severino. A argumentação que irei desenvolver remete-se a Weber (1999), mais propriamente a sua definição dos “três tipos puros de dominação legítima”. O autor compreende os fundamentos da dominação legítima como aquela que é obtida sem o uso da força e identifica a dominação legal, dominação tradicional e a dominação carismática. O trecho da conversa de Sônia remete na classificação aos tipos de dominação ao que Weber classificaria como a *dominação tradicional*. Esta dominação está ligada a obediência, nos conhecimentos antigos e ao

patriarcado, seguem a cultura passada de pai para filhos. Weber apresenta dominação tradicional como:

Dominação tradicional em virtude da crença na santidade das ordenações e dos poderes senhoriais de há muito existentes. Seu tipo mais puro é o da dominação patriarcal. A associação dominante é de caráter comunitário. O tipo daquele que ordena é o “senhor” e os que obedecem são súditos” (MAX WEBER, 1999, p 131)

Podemos descrever como forte resquício do patriarcado, onde se leva em consideração a noção de honra e moral; Essas, expressa na noção de “respeito”. Respeito aos familiares, ou “as regras do pai” Percebi que no caso de aceitação à orientação de Leonardo houve grande impacto aos familiares, pois para estes a reputação dos filhos está ligada à da família. Isto significa que a noção de honra se reflete nesta reputação.

Embora o caso de Leonardo tenha surgido situações de desavença familiar quero chamar atenção às modificações nas relações, que mesmo com a ausência da figura do avô Severino e a permanência da opinião de contrariedade e repreensão tanto de Silvinha, pai de Leonardo, quanto da avó, dona Severina, houve modificações. Hoje o pai já fala com o filho, coisa que antes não acontecia. E mesmo o pai e a avó exercendo forte autoridade sobre Leonardo, foi a figura da mãe, Sônia, quem centralizou a decisão de mandar Leonardo embora para São Paulo. Destaco que Sônia juntamente com Leonardo teceram as redes dentro de seu grupo. Este fato remete ao pensamento de Silva (2013, p. 50) ao observar que: “o papel da mediadora que a mulher (mãe) pode desempenhar na construção de relações entre as gerações”.

Ainda com relação à mudança a esse fato é que hoje após quase três anos já houve um grande avanço com relação à aceitação de Leonardo. Fazendo uma análise nas colocações da avó Severina e do pai Silvinha, subentende-se que existe por trás da não aceitação, sentimentos que envolvem vergonha, medo, saudades e amor, e mesmo eles não externando que aceitam a orientação de Leonardo, já é perceptível uma mudança e aceitação de pai com filho e de avó com neto, pois, hoje eles conversam por telefone e antes nem isso acontecia. No decorrer do trabalho apresentarei outros exemplos onde será possível um melhor entendimento acerca da reaproximação de Leonardo com seus familiares.

O outro exemplo de mudanças que quero relatar é sobre a construção de um muro que divide a casa de dona Severina e a casa de Sônia, sua filha. Araújo (2015, p. 59) relata que seu Severino, Sônia e Maria criavam animais, dentre eles haviam, galinhas, patos, vacas e guiné,

diz que os bichos se misturavam e era geralmente seu Severino quem costumava alimentá-los com a ajuda dos netos. Sônia conta que seus filhos adoravam fazer esse tipo de serviço com o avô, não só os filhos dela, mas também os filhos de seus irmãos, Raminho e de Maria, também sempre juntos.

O motivo que levou dona Severina mandar construir o muro foi um desentendimento entre Sônia e a sobrinha, Tinha, filha de Maria. Sônia diz que a construção teria dois propósitos, um para evitar confusão entre tia e sobrinha e o outro seria para que cada um cuidasse de seus bichos. Isto demonstra uma mudança na organização do espaço e com isso também no modo que as relações são desenvolvidas.

No tópico a seguir, tratarei sobre como se dá a questão da socialização e sociabilidade no grupo, observando quais os principais espaços de socialização, aspecto importante para compreender melhor as relações desenvolvidas pelos membros do grupo entre si.

Capítulo 2. Socialização geracional e Sociabilidade

A socialização no grupo geralmente parte dos ensinamentos das gerações passadas sobre a geração atual, minha concepção entre o termo está relacionada à questão de transmissão de conhecimentos e de treinamentos para determinadas tarefas. Utilizarei o conceito de socialização seguindo Berger e Luckman (1976), onde os autores apresentam “socialização” como o processo (ontogenético) pelo qual um indivíduo se torna membro da sociedade; nas palavras dos próprios autores, socialização é “a ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou um setor dela” (P. 194).

Esses autores estabelecem uma distinção entre socialização primária e socialização secundária, a socialização primária sendo aquela que é experimentada na infância, e a socialização secundária consistindo em tudo o que vem depois deste período.

Contribuindo para compreender este tema da socialização, Barth vai fazer a observação de que: “todo comportamento social é interpretado, construído, e nada indica que exista uma situação em que duas pessoas coincidam plenamente na interpretação de um dado evento”. (Barth, 2000d, p. 171).

Embora muito semelhantes morfológicamente, as palavras sociabilidade e socialização trazem significados diferentes. Como e em todo e qualquer grupo social, o grupo de dona Severina também partilham de seus ensinamentos e costumes para com seus membros, em especial as crianças, pois, esta é a fase que primeiro se inicia o processo de socialização.

Faço essa reflexão sobre a noção de sociabilidade e de socialização para explicar esses comportamentos de transmissão de conhecimento à criação de certo modo de comportamento, de agir que seria adequado para a manutenção desse grupo.

Sociabilidade seria a capacidade que o indivíduo tem de conviver com outras pessoas. Dentro do grupo já houve alguns atritos, Maria já se desentendeu com sua cunhada Márcia, esposa de seu irmão Raminho por causa de desavenças entre seus filhos, Vanilson e Gleison. Hoje elas, as mães não se falam, mas as crianças sim. Na realidade as crianças nunca pararam de se falar. Sônia também se desentendeu com Tina filha de Maria, como citado acima, mas as desavenças e aborrecimento causados dentro do grupo de dona Sônia não foram fortes o bastante para um afastamento entre os primos, que estão sempre juntos. Eles têm basicamente a mesma idade.

A noção de socialização, portanto, é fundamental no sentido de como é que o indivíduo vai se construindo a partir das experiências de ensinamentos e de atividades, em seu grupo. No grupo pesquisado, geralmente estes ensinamentos são em forma de conselhos e ensinamentos que os mais velhos passam para os mais novos. E a maneira de se vestir, comportamentos, decisões de cada um ou o modo de ser dos filhos estão pautados no que cada pai ou mãe idealiza para seu filho, principalmente na fase criança e seguem até a adolescência. Afirmo isto com base nos relatos obtidos tanto de dona Severina, seja no papel de mãe ou avó, assim como observando relatos dos outros mães e pais do grupo com relação aos filhos.

A pesquisa mostrou que há uma reflexão constante dos próprios integrantes desse grupo doméstico sobre valores que chegam de certa forma a um conjunto deles. Valores como obediência, maneira de falar, expressar e agir, a exemplo disso é a forma de costume que os mais novos usam de tomar benção aos mais velhos. De algum modo esses valores se compartilham entre todos eles. E isso é provavelmente devido às formas de socialização que os integrantes receberam dos familiares mais velhos.

Como já mencionado, as mulheres do grupo, Sônia, Márcia e dona Severina tem um roçado onde plantam hortaliças. Essas mulheres acumulam funções, dentre estas, a de ser mães, filhas e esposas. Muitas vezes são elos de relações para fora de seus grupos, no caso delas o fato de serem comerciantes fortificam esses laços com as vizinhas. Na horta elas realizam a maior parte de seus trabalhos, além da horta tem o espaço da feira e da casa de Sônia, quando limpam o peixe trazido Por Silvinha. Na hortaliça é também o local onde são realizadas as conversas e distração. Observei que sempre que uma delas está no local, há sempre alguém junto, as pessoas geralmente são membros do grupo, mas também presença de vizinhas se socializando.

2.1: opiniões diversificadas de integrante para integrante

As opiniões dos mais velhos do grupo em relação ao comportamento dos integrantes em formação são diversificadas de indivíduo para indivíduo, eu acompanhei exemplo em que várias opiniões eram externadas de diversas maneiras. A forma mais simplificada de se entender essas reações vai de acordo com pontos de vistas próprios, onde o indivíduo analisa

e apresenta as melhores decisões de acordo com sua ótica, sua vivência e também anseios para o futuro dos integrantes em questões, geralmente os mais novos do grupo.

Apresento um exemplo ocorrido em meio a uma conversa na casa de Márcia onde a filha Grazielle diz aos pais que sairá à tarde para participar de uma gincana do colégio. A gincana será fora do espaço da escola, será em um campo de futebol que fica localizado nas intermediações da aldeia. A mãe se posicionou contra a saída da filha e o pai a favor, Márcia questionou o comportamento de Grazielle, afirmando que estava tendo chateações em relação ao comportamento da menina, e relatou algumas queixas que havia recebido da escola, dentre elas seriam mau comportamento em sala de aula, baixo rendimento nas notas, e o despertar, pensado por Márcia como precoce em paquerar com os amiguinhos de sua turma.

Ao ouvir o posicionamento de Márcia, Raminho, o pai de Grazielle entrevistou e pediu que a esposa revesse a decisão, o motivo, segundo Raminho foi de que o evento seria importante naquela circunstância, pois geralmente esses eventos valem notas curriculares para os alunos. O pai concordou em partes com as justificativas levantadas pela esposa, mas não achou que o momento seria viável para a proibição da participação da filha naquele evento.

Questionei Raminho em relação a discordância de sua esposa com o fato de Grazielle está pensando em paquerar e qual seria a visão dele sobre esse assunto. Respondeu-me que não via maiores problemas, pois, “Ela já estava ficando mocinha e daqui a um tempo era hora dos filhos namorarem e em seguida casarem”.

Não percebi problemas para o pai com relação a um comportamento de gênero, vi que tratou de forma similar o fato de ambos os filhos, Grazielle e Gleison, namorarem, casarem e constituírem suas famílias, com a mesma medida, sem distinção por ser menino ou menina, nem tampouco com relação a pouca idade que os filhos têm.

Gleison, irmão de Grazielle tem uma visão bastante parecida à de Raminho, seu pai. Perguntei para ele o que achava e se comentava com seus pais sobre as ações da irmã, Grazielle, pois, ambos estudam na mesma escola, só que em turnos diferentes e geralmente frequentam os mesmos locais; Ele disse que não, não comenta nada e que também não reclama com a Irmã, e ainda acrescentou que a “vida é dela”, ou seja, para Gleison o comportamento de Grazielle em querer paquerar os coleguinhas é normal. Talvez o comportamento de Gleison esteja ligado à sua maneira de ser, segundo sua mãe, Márcia, ele é um menino calado, não gosta de conversar muito e que não fala das coisas que acontecem com a irmã.

Outra hipótese pode também ser questionada e com isso é interessante se pensar que talvez o comportamento de Gleison assim como a opinião do pai, Raminho, esteja ligado ao fato costumeiro ao do grupo deles, em que as mulheres costumavam e ainda costumam casarem jovens. Levanto isso de acordo com relatos que ouvi das próprias mulheres do grupo. Isso remete e vai de acordo com o pensamento de Claudia Fonseca ao enfatizar que “a expectativa de uma forte dominação masculina no laço conjugal e da (ascendência do homem) enquanto chefe de família é acompanhada de uma realidade particular onde grupos de mulheres, suas filhas e as crianças de suas filhas parecem fornecerem uma base de continuidade e de segurança. (2004, p.125)

Considero pertinente colocar que nem todas as mulheres, assim como alguns homens, estão de acordo que as coisas aconteçam assim dessa maneira. Este trabalho descarta todas e quaisquer generalizações feitas de início, sem base em pesquisa.

Apresento exemplos em que fica claro que existem diversificadas opiniões sobre este tema, casamento, que partirá independentemente de gêneros, seja no caso do homem ou da mulher, onde relatos de mulheres e homens levam a perceber que a transformação da criança em adolescente, a levará para uma vida em família, onde essa vai formar seu grupo, ter seus filhos e cuidar de sua casa. Segundo relatos dos pais, estes seriam objetivo na vida futura desses filhos. E por outro lado os mais jovens vêm demonstrando mudanças nessas transformações. E assuntos como: viajar para outros estados, com a finalidade de trabalhar, estudar e ingressar na universidade vem sendo debatido entre eles, ganhando espaço para temas como, por exemplo, casamento e constituição de família. E nos relatos, tanto dos meninos quanto das meninas, eles já externam outras visões e opções para seus futuros.

Há membros de mais idade dentro do grupo que opinam para que esses jovens não sigam a ideia de casar sem antes estudar ou “conseguir um bom emprego”, isso indica que existe uma (re) adaptação dos mais velhos e experientes indivíduos desses grupos domésticos, onde, mesmo tendo alguns exercendo opiniões formadas e costumeiras as coisas vêm mudando com o tempo. Há exemplo disso temos a opinião de Silvinha com relação à sobrinha Grazielle. Silvinha é esposo de Sônia, tio de Grazi, por afinidade, pois Silvinha é casado com Sônia, irmã de Raminho. Ele demonstra um carinho e uma grande estima pela sobrinha. Silvinha diz que aconselha a sobrinha, que ela precisa seguir estudando e não casar cedo. A opinião de Silvinha diverge da opinião de Raminho, sobre esse assunto. Raminho, indicou (no exemplo acima), que é normal os filhos já estarem namorando e em seguida virem a casar e cada um seguir sua vida dando continuidade e formando sua família. Khoury (2013) apresenta o conceito de *habitus* na ótica de Elias, como a incorporação pelos indivíduos de

um *ethos* sociocultural no interior de uma sociabilidade dada, neles sedimentos como uma espécie de figuração construída pela tradição, costumes e *mores*. Segue enfatizando que para este autor o conceito de *habitus* pode mudar com o tempo, porque as experiências de um indivíduo no interior de uma configuração ou sociedade, ou de uma nação, e seus agrupamentos estão em movimento contínuo.

O conceito de *habitus* Elisiano, deste modo, implica sempre uma noção de equilíbrio na balança eu-nós no interior das tensões emocionais e configuracionais das redes de interdependências e de novas conformações que se dão nos processos de continuidades, conformidade e mudança. (KHOURY, 2013, p. 91)

2.1.1: As escolhas estéticas

É importante refletir que mudanças podem surgir na vida e no cotidiano de todos os grupos domésticos. Apresento como se dão as opiniões com relação a forma dos jovens e crianças se vestirem no grupo de dona Severina. É importante salientar também, que esses integrantes que opinam, eles almejam que seus filhos, netos e sobrinhos, sigam de forma semelhantes ao modo como eles se vestiam e também de como se comportavam. Talvez por acreditarem que tais formas fossem ideais para as formações sociais dos filhos.

Graziele me disse que está indo comprar suas roupas com a mãe, que nem sempre Márcia concorda com seu gosto ou estilo, mas ultimamente deixa Grazi escolher. Márcia confirmou a fala de Graziele e concordou quando a filha diz que geralmente há aborrecimentos, tanto pela demora quanto pelas escolhas das roupas e acrescentou que o filho Gleison compra suas roupas com o pai. Diz que eles têm gostos parecidos, são mais práticos e objetivos, saem para comprar e sem muita demora voltam com as compras realizadas.

Nesses termos assiste-se a uma mudança, pois segundo relatos de pais, as crianças preferem elas mesmas escolherem seus próprios modelos de roupas. Cabe refletir e até mesmo questionar o posicionamento desses pais diante a esse comportamento e a maneira de como os filhos devam se vestir, pois, provavelmente esses pais quando tinham a mesma idade que seus filhos, eles também reivindicavam aos seus pais. E isso mostra que sempre houve mudanças. O que pode mudar de fato, neste caso, é o espaço e o tempo. Nesse sentido Barth (2000b, p. 11) apresenta suas observações salientando que, “a realidade de todas as pessoas é composta de construções culturais”.

Em conversa com Raminho, ele me disse que em sua opinião os filhos tinham que ir à escola trajando calças e não shorts, pois, segundo ele, em sua época todos os alunos iam à escola usando calças. Já os padrões estabelecidos pela escola que Grazielle e Gleison estudam, não interferem nem determinam uma regra a ser seguida de como esses alunos devem se vestir.

Um fato interessante envolvendo a questão de como “se vestir” ocorreu em uma das visitas a campo. José é tio de Grazielle e irmão de Márcia. José reclamou da roupa que Grazi estava usando, reclamou do tamanho. Márcia estava presente e concordou com o comentário do irmão. O trecho da conversa de José leva a reflexão em aprofundar questões diretamente ligadas a se pensar, por exemplo, como funcionam essas posições, pois José é mais novo que Márcia e casou-se aos quinze anos. É importante para o trabalho observar como a mãe, Márcia, enxerga a ordem do tio sobre a filha. Para isso, enfatizo o trabalho de Bourdieu, quando coloca que:

"Inevitavelmente, nós consideramos a sociedade um lugar de conspiração, que engole o irmão que muitas de nós temos razões de respeitar na vida privada, e impõe em seu lugar um macho monstruoso, de voz tonitruante, de pulso rude, que, de forma pueril, inscreve no chão signos em giz, místicas linhas de demarcação, entre as quais os seres humanos ficam fixados, rígidos, separados, artificiais. (BOURDIEU, p. 9)

Dias depois voltei à aldeia e conversamos sobre esse assunto, eu e Márcia. Grazielle também estava presente. Perguntei para Márcia como ela analisava a atitude do irmão em relação ao modo de Grazielle se vestir. Ela respondeu que concorda com o irmão e que já havia reclamado com a filha que não usasse mais especificamente aquela roupa, e prosseguiu indagando sobre a rebeldia da filha. Perguntei também se ela saberia me responder qual seria a opinião do pai Raminho. Segundo Márcia a opinião do pai diverge da sua; ela não costuma reclamar daquele tipo de roupas, mas abriu uma ressalva, disse que Raminho faz uma separação no que os filhos vestem no dia a dia e na forma de como irem à escola. Sobre essa questão colocada por Raminho, apresento a reflexão que fez Foucault (1999, p. 163); o autor segue no sentido de observar que “o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhes impõem limitações, proibições ou obrigações”.

Concatenando com o pensamento de Foucault, me utilizei dos pressupostos colocados por Bourdieu (2012) “para pensar a dominação masculina, a modos de pensamento que são eles próprios produto da dominação”. Assim a reflexão mostra um comportamento de ordem

recorrente entre o comportamento do irmão mais novo de Márcia sobre a sobrinha Grazielle. Nesses termos cabe ressaltar a seguinte observação de Bourdieu:

"Inevitavelmente, nós consideramos a sociedade um lugar de conspiração, que engole o irmão que muitas de nós temos razões de respeitar na vida privada, e impõe em seu lugar um macho monstruoso, de voz tonitruante, de pulso rude, que, de forma pueril, inscreve no chão signos em giz, místicas linhas de demarcação, entre as quais os seres humanos ficam fixados, rígidos, separados, artificiais. (BOURDIEU, 2012, p. 9).

Aproveitei o momento em que apareceu o tema e quis saber a opinião de Grazielle, sobre como ela lida com essas questões de como se vestir, e como ela se comporta quando sua opinião é contrária à dos demais. Diante do que já havia conversado com Raminho e Márcia, a resposta de Grazielle já era esperada, pois segundo Márcia, sua mãe, elas estavam se desentendendo com relação ao tipo de roupa que a filha queria usar.

Relembrei para Grazi o ocorrido com seu tio, citado acima, e perguntei se José continua opinando em sua forma de vestir. Respondeu-me que não, não com a mesma intensidade de antes. Grazielle riu e disse que, às vezes ele reclama do comportamento, como a maneira de sentar, por exemplo, mas não voltou a questionar com relação a roupas curtas. Disse também que a roupa que ela usava no dia foi doada para suas primas, que a mãe levou para as sobrinhas, aquelas e outras roupas que Grazi não utilizava mais.

Outro episódio em relação à forma de vestir aconteceu com Gleison, o filho de Márcia e Raminho, foi quando Gleison lembrou a mãe que iria precisar de uma camiseta branca para compor sua equipe da escola na gincana. Segundo ele o combinado foi de que todos os participantes da equipe estivessem trajando tal camiseta. Márcia sugere ao filho que use a mesma blusa de quando participou da primeira eucaristia², Raminho ao ouvir a conversa interfere e diz ao filho que não use, alegando que os modelos não eram compatíveis, a sugerida pela mãe era com mangas longas e um estilo mais social, já a esperada para a gincana deveria ser mais simples e principalmente sem manga, já que o clima estava muito quente. Além do mais, se fosse vestir a camisa tinha certeza que seus colegas iriam rir, e o filho poderia se chatear.

Márcia lembra a Raminho que o filho não tem camiseta branca, tem de outras cores, a única que tem está velha, o pai novamente interfere e manda Gleison pedir uma camiseta

² Primeira Eucaristia- é uma celebração religiosa da igreja católica.

emprestada ao seu primo Vanilson, filho de Maria. O detalhe que essa descrição fornece deixa claro a união e compartilhamento que acontece dentro do grupo de dona Severina, lembrando que conforme foi apontado no capítulo um Márcia e Maria, mãe e tia de Gleison, haviam brigado e não estavam se falando devido a uma discussão entre Gleison e o primo Vanilson.

Em um momento de descontração Graziele revela uma história sobre uma calça que sua mãe havia comprado há um tempo. Disse que não se agradou nem da cor nem tampouco do modelo, vendo que sua mãe estava cobrando que ela vestisse a calça resolveu esconder encima do guarda roupa. Um dia quando Márcia fazia uma faxina encontrou a calça, segundo Graziele a reação da mãe não foi muito boa, reclamou bastante e obrigou no mesmo dia ela vestir a calça para ir à escola. Márcia riu e confirmou a história, acrescentando que a filha é teimosa “não gosta de roupa que presta, agora só quer andar com essas modas de roupa rasgada”.

Ao ouvir a conversa de Márcia, Raminho, cometa com a esposa o modo como os alunos da universidade se vestem, ele descreve com ar de risos, diz que quando vai fazer seu trabalho de taxista, na cidade, passa em frente a UFPB, Campos IV e ver que os alunos, maioria, se vestem de forma diferente dele e de sua esposa. Acrescenta que isso é coisa dessa juventude “fico olhando aqueles alunos, uns de cabelo pintado de cor azul, outros de cor lilás, meias no meio do joelho, cada uma de uma cor e as roupas com essa moda rasgada. Os três riram do exemplo que Raminho deu, inclusive Graziele, enfatizando que essa é a moda do momento.

Outro exemplo bastante conivente que Raminho relatou foi quando um jovem rapaz na década de oitenta, filho daquela aldeia havia voltado de São Paulo para residir novamente por lá, diz que o jovem era homossexual e usava bastante jeans rasgado. Raminho já percebia que o rasgado do jeans fazia parte da moda e não necessariamente estava rasgado devido ao período do tempo.

Isso faz ressaltar que as mudanças ocorridas no grupo de dona Severina não partem somente e exclusivamente dos mais jovens, elas circulam também no universo dos pais, a exemplo disso, aponto os filhos de Sônia, Cristiano e Rafael, são bem mais novos do que seu tio Raminho, no entanto é Sônia quem compra suas roupas, sapato, perfume e tudo que eles precisem. Há uma tendência e preponderância inegável, e isso os dados mostram, de que o avanço aumenta e se dar a partir dos jovens. Há uma excreção dentro do grupo partindo de Raminho, pois, ele concorda com a forma que seus filhos Graziele e Gleison se vestem e além

dessa concordância dentro do grupo ele também acha normal que os filhos queiram se vestir como os jovens que ele ver na universidade.

2.1.2: Negociações estéticas

Dona Severina faz uma colocação em relação a seu neto Leonardo e enfatiza que ele é um menino bastante responsável, obediente e inteligente, dentre seus netos esse é um dos seus favoritos, a avó demonstra uma predileção ao neto. Já o pai de Leonardo, Silvinha, diz que desde muito jovem o filho geralmente lhe acompanhava na pescaria e sempre demonstrava obediência. A fala de Silvinha reforça o relato de dona Severina sobre um comportamento que é valorizado. Silvinha acrescenta que o fato de Leonardo estar quase sempre em sua companhia rendeu uma maior aproximação do que com seus outros dois filhos, Cristiano e Rafael.

Desse modo percebemos que para o grupo a afetividade familiar corrobora na formação da personalidade dos indivíduos, e para os mais velhos, no caso dos pais e da avó, dona Severina, ofertar o afeto aos filhos e netos é dever fundamental para a formação destes. Percebemos diante das falas, que usam a afetividade como uma maneira de proteger seus membros familiares. Dona Severina diz que sempre conversa com seus netos, conversa com o intuito de que eles e elas “sigam sempre os bons caminhos” e que evitem “bebedeiras e badernas”. Acrescenta que os netos não dão trabalho, são bem-comportados e respeitam tanto a ela quanto a seus pais.

Talvez tal dedicação e obediência de Leonardo explique a colocação de sua mãe Sônia, quando diz toda cheia de orgulho que o filho mesmo morando em São Paulo ainda mantém uma conexão, uma consideração e um compartilhamento com ela, principalmente no que diz respeito à compra de objetos como roupas, sapatos e moveis, ou seja, sempre que Leonardo vai comprar alguma coisa ele comenta com a mãe. E Sônia diz ficar muito satisfeita e até tranquila pelo simples fato do filho partilhar esses assuntos com ela, pois, além de permanecer o vínculo com o filho ela ainda pode de certa maneira ter certo controle sobre as finanças de Leonardo.

Diante desse fato cabe ressaltar que a afetividade dentro do grupo permanece, ou seja, os laços entre Sônia e Leonardo se mantêm, há também uma segunda análise e está se faz com relação a preocupação econômica por parte da mãe com seu filho. Ela diz que o fato do filho

combinar o que vai comprar serve como uma espécie de controle financeiro, pois, já houve ocasiões em que ele diz para ela que irá comprar um determinado objeto, roupa etc. e ela lembra o filho que faz pouco tempo que ele comprou algo semelhante e aconselha esperar mais um tempo, o intuito é de que ele economize cada vez mais. Fica claro que além de afetividade dentro do grupo doméstico, aspecto econômico está imbuído a esses integrantes.

Sônia diz que tenta controlar os gastos de Leonardo, pois desde a época que morava em Jaraguá ele já gostava de comprar roupas e perfumes, mesmo se não estivesse precisando no momento. Acha importante acompanhar o filho e ver como anda administrando suas finanças, ela coloca que tem medo que o filho venha a precisar de dinheiro, principalmente por não estar morando em casa, pois em casa quando falta alguma coisa, um ajuda o outro e morando fora fica mais difícil, caso surja um imprevisto e ele venha precisar do dinheiro. Sônia segue sua fala afirmando que algumas vezes Leonardo gasta sem necessidade, coloca que:

Quinta-feira esse menino me ligou era quase nove horas da noite para me dizer que iria comprar uma calça e duas camisetas, reclamei com ele, pois, mês passado ele já havia comprado uma calça, uma camiseta e um óculos. Disse a ele, meu filho pense no dia de amanhã, você está aí longe da gente e pode precisar de dinheiro. Mesmo assim comprou, mas disse que só comprou as camisetas. (Sônia, entrevista em sua casa, 23/01/2017).

Isto indica uma compreensão de importância da ajuda mútua entre os integrantes do grupo, complementada pela afetividade entre estes.

“Uma mãe nunca se engana com seus filhos” esta frase citada por Sônia foi dita em meio a uma de nossas diversas conversas no quintal de sua casa. Ela disse que quando Leonardo revelou sua orientação sexual, para ela não soou como novidade, e isso estava ligada ao fato do comportamento dele. Sônia conta que sempre notou um comportamento diferenciado entre Leonardo e seus irmãos Cristiano e Rafael, as diferenças descritas por Sônia permeava desde a maneira de se expressar, às brincadeiras na escola, comportamento, gosto musical e principalmente à forma de se vestir. E disse que essa percepção vem desde Leonardo muito pequeno. Diz que uma característica marcante sempre foi à forma como Leonardo demonstrava carinhos, atenção e afeto aos familiares e sempre falava em melhorar de vida, melhorar no sentido econômico, planejava estudar e futuramente ter um bom emprego e com isso poder ajudar sua família.

Mas o que realmente chamava atenção de Sônia, segundo ela, era com relação às roupas, enquanto Sônia seria responsável nas compras das roupas, tanto para Silvinha quanto para os outros dois filhos, era Leonardo quem sempre comprava suas próprias roupas. Lembra que Leonardo ainda garoto já a acompanhava nas compras, enquanto seus irmãos Cristiano e Rafael não queriam ir com ela. Disse que quando adquiriu mais idade ela dava o dinheiro e ele realizava as compras.

Apresento mais um exemplo mostrando como os filhos, mesmo tendo seus gostos e suas preferências, tentam obedecer às opiniões e sugestões dos pais. Esse exemplo aconteceu no grupo de Sônia. Através de uma foto Sônia percebeu que Leonardo havia pintado o cabelo, diz ter ficado chateada com o ato e imediatamente ligou para o filho e ordenou que fosse a um salão e cortasse o cabelo e desse um jeito de remover a tintura. Sem questionamentos nem explicações, Leonardo atendeu a ordem da mãe.

Um ponto de vista levantado por Silvinha foi quando revelou que um dos maiores medos com relação à orientação sexual de Leonardo é de que ele se vista como mulher, como disse, estilo “travesti”, e que esse fato possa lhe causar danos maiores, como, ser espancado ou até assassinado. Pois costuma ver nos jornais que essa é uma prática comum, principalmente em lugares grandes, como no caso de São Paulo. Ele assiste nos jornais, que algumas pessoas não aprovam a forma dos “travestis” se vestirem. Essas mesmas pessoas matam e espancam e usam de violência. Silvinha segue colocando que o filho é um menino bom e sem maldades. Por essa razão, tem medo de que o filho venha a sofrer esses tipos de violência. Bourdieu (2012) discorre acerca dos “gêneros como hábitos sexuado”.

As aparências biológicas e os efeitos, bem reais, que um longo trabalho coletivo de socialização do biológico e de biologização do social produziu nos corpos e nas mentes conjugam-se para inverter a relação entre as causas e os efeitos e fazer ver uma construção social naturalizada (os “gêneros” como *habitus* sexuais), como o fundamento in natura da arbitrária divisão que está no princípio não só da realidade como também da representação da realidade e que se impõe por vezes à própria pesquisa. (BOURDIEU, p. 9)

Revelou também que a orientação sexual do filho lhe causou vergonha. Vergonha de sua família e de seus vizinhos, e a forma de Leonardo se vestir seria uma preocupação. Após a fala de Silvinha, Sônia toma a palavra e explica que isso não vai acontecer com Leonardo. Isso dele se vestir como mulher, disse que essa foi uma das primeiras reivindicações que fez

ao filho, diz que além de achar feio homem andar com trajes de mulher, que também acha a prática perigosa, e que as preocupações e colocações de Silvinha estão corretas.

Portanto, a partir do relato de Silvinha e de Sônia podemos constatar a existência de duas preocupações, por parte de seus pais. A primeira preocupação está relacionada com a integridade física do filho e a segunda com a honra da família. Uma reflexão de Foucault (1999) pode auxiliar na reflexão sobre este quadro apresentado. O autor afirma que:

Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo, ao corpo que se manipula, se modela se treina, que obedece, responde se torna hábil ou cujas forças se multiplicam. (FOUCAULT, 1999, p. 163).

É possível compreender acima uma ação dos pais para modelar o modo de como o filho vai apresentar o seu corpo. Já na casa de Márcia (cunhada de Sônia e esposa de Raminho), são os filhos, Grazielle e Gleison quem escolhem suas roupas. A mãe dos dois fez um comparativo exemplificando como em sua época, de criança e de adolescente, havia dificuldades para se comprar uma roupa. Diz que sempre possível conta para os filhos como era que faziam para adquirir uma peça de roupa. Pois, seus pais não tinham condições financeiras para comprar. Márcia recorda de um episódio que foi quando usou sua primeira roupa nova. Até então só havia usado roupas doadas, e todas já vinham usadas. Disse que geralmente era comum a troca de roupas entre irmãos, a peça que fica pequena para os mais velhos eram repassadas para os mais novos. “Eu estava com quatorze anos e comecei a trabalhar, no lugar do pagamento recebi de minha patroa uma roupa”. Márcia relata que várias vezes saía de casa com vergonha das roupas, pois, sempre acontecia de as medidas serem diferentes, às vezes maiores outras menores que o seu manequim. Enfatiza que na época um de seus maiores sonhos era ter uma roupa nova. Diz que hoje as coisas andam mais fáceis e não existem tantas dificuldades para se comprar roupas novas e com variações de modelos.

Diante das colocações de Márcia é importante perceber que é ela quem apresenta a questão assim, com a diferença estando ligada ao aspecto financeira, pois Márcia afirma que em seu tempo de criança e adolescente as condições financeiras não eram favoráveis. E este fato, financeiro, diz ela, impedia que seus pais comprassem roupas com a mesma facilidade com que hoje ela compra para seus filhos.

Já na casa de Sônia é ela quem continua comprando e escolhendo as roupas do marido Silvinha e dos filhos Cristiano e Rafael.

Leonardo, filho de Sônia, e Grazielle e Gleison, filhos de Márcia, preferem eles mesmos comprarem suas roupas, ambas as mães dizem que as modas de hoje diferem muito das dos seus tempos. As mudanças e transformações levam As crianças e o jovem Leonardo a terem esse tipo de atitude, por haver mudanças em algumas modas e estilos os filhos preferem escolherem sozinhos.

Nestes termos, autores como Michel Foucault e Marcel Mauss qualificam segundo seus entendimentos que as pessoas são treinadas desde o nascimento até a morte, inicialmente na família e em seguida nas instituições. Ambos os autores usam o termo “adestramento”, no sentido de que desde criança somos ensinados e obrigados a seguirmos padrões, como por exemplo, o uso selecionado de roupas, como também a maneira de se comportar.

É pertinente ressaltar a expressão usada por Foucault e Mauss, de “adestramento”. Esta já foi criticada no passado, mas hoje reflete melhor o que principalmente Foucault observa quando emprega essa expressão. Para este autor, (FOUCAULT, 1999, p.195) “O poder disciplinar é, com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar. ” Esse pensamento nos remete também ao que Mauss vai colocar sobre adestramento humano; o mesmo estava refletindo sobre. O que o autor afirma abaixo é que o adestramento das crianças, não seria apenas para o desenvolvimento de atividades, mas também para outros aspectos, o autor enfatiza que:

As técnicas do corpo podem se classificar em função do seu rendimento, dos resultados de um adestramento. O adestramento, como a montagem de uma máquina, é a busca, a aquisição de um rendimento. Aqui, é um rendimento humano. Essas técnicas são, portanto, as normas humanas do adestramento humano. Assim como fazemos com os animais, os homens se aplicaram voluntariamente a si mesmo e a seus filhos. As crianças foram provavelmente às primeiras criaturas assim adestradas, antes dos animais, que precisaram primeiro ser domesticados (MAUSS, 2003, p. 410).

As crianças e adolescentes são ensinadas por seus pais e esse ciclo de acompanhamento varia de casos para casos, mas o mais comum é durante a infância até a adolescência. O próximo tema abordado vai mostrar como as relações de respeito, isso é, que indica uma moral do grupo que os mais velhos pretendem transmitir e impor aos mais novos, estão interligadas com relação de afeto, em conflitos de gerações, pelas tentativas dos mais velhos de fazerem com que os mais novos sigam suas orientações.

Capítulo 3. Relações familiares e questões de poder

Partindo do pressuposto de que cada pessoa pensa ou age de diferentes formas e de acordo com seus interesses e perspectivas, (Barth, 2000d) vai apontar que cada indivíduo desenvolve uma bagagem cultural que é única, diferentemente do que se pensavam cultura como algo homogêneo de um grupo social, o autor aponta que esta apresenta variações individuais importantes para a conformação dos padrões culturais.

A reação dos mais velhos em relação à forma de ser, pensar ou agir dos mais novos, suscita inquietações por parte dos primeiros, por considerarem as dificuldades da aceitação de determinadas formas diferentes das quais foram criados e hoje querem que seus filhos sigam caminhos parecidos aos seus. Há desaprovação ao verem que os filhos estão em outra direção de comportamentos e que grande parte dessas ações vem acompanhada por uma bagagem que esses mais velhos construíram e que não conseguem desapegam completamente. Para melhor entender esta questão apresento um pensamento de Barth ao enfatizar que:

É possível mostrar que de forma razoável que muito do que os membros de um determinado grupo consideram como dados naturais é meramente um reflexo de seus próprios pressupostos. Essas pessoas, contudo, bem como qualquer um de nós, necessariamente agem e reagem de acordo com sua percepção do mundo, impregando-a com o resultado de sua própria construção (Barth, 2000b, p.111).

Raminho ao especificar a forma de como os filhos deveriam se vestir e de como deveriam se comportar na escola, aponta que escola “é lugar de respeito”. Perguntei para Raminho como seria esse respeito e como ele espera que os filhos prossigam em relação à obediência. Raminho ao me responder deixou claro que traz explicações que estão ligadas à própria forma de como foi criado, ensinado e educado pelos seus pais.

Explicou-me que a escola e os professores são merecedores de total respeito, e elementos como roupa curta naquele ambiente, quebrariam as regras de uma moral e de um respeito que os alunos deveriam ter com o professor. Segundo ele, o aluno que vai para

escola com roupa curta está desrespeitando não somente o professor, mas o espaço físico também. Ao ouvir sua resposta lembrei quando dias antes ele concordava com a forma que os alunos da universidade se vestiam, e ele faz a replica explicando que ver uma diferença entre os alunos de escola em relação aos alunos da universidade, pois na escola as crianças aprendem o que querem ser quando crescer, o local da escola geralmente fica próximo das casas, os pais conhecem os professores e esses conhecem todos seus alunos. “Já na universidade o mundo é outro, a maioria sai de casa para morar sozinho ou com amigos, já sabem o que fazer da vida”. Para Raminho esses alunos da universidade já são de certo modo responsáveis pelas suas vidas e pelos seus atos.

3.1 Padrões éticos e de moralidade

O campo possibilitou analisar em cada integrante do grupo, ações relacionadas a padrões de moralidade, o exemplo a seguir possibilita um maior aprofundamento sobre essas ações. Apresento um exemplo que possibilita analisar. O exposto se deu com Raminho e o filho Gleison. A questão entre pai e filho se faz delicada, mas é pertinente trazer este incidente ocorrido, uma vez que permite refletir sobre o assunto apresentado.

Raminho tem um sítio localizado próximo a sua casa e Gleison ajudava com a plantação. As tarefas que competiam a Gleison, Segundo Márcia, eram de regar as plantações, pela manhã e no final da tarde e ajudar na colheita. A mãe conta que houve uma desavença entre eles, pai e filho. O motivo ocorreu por conta de dois reais que Gleison pegou na carteira do pai. Raminho não gostou da atitude do filho e tentou corrigir com punição. Márcia relata que houve momentos de tensão, e essa tensão se deu por parte dos dois lados da família, tanto do pai, Raminho, quanto da mãe, Márcia. Os parentes ficaram a favor de Gleison, Márcia diz que todos conhecem a índole do filho. E isso foi suficiente para o apoio familiar. A justificativa dele foi de que havia pegado os dois reais, sem permissão do pai, porque Raminho não estava em casa. Disse que usou o dinheiro para comprar um lanche, e pretendia comunicar ao pai, assim que este chegasse em casa.

A ética diz respeito às reflexões com base na moralidade sobre as condutas humanas. Refletindo a conduta que Raminho exerceu sobre o filho, ela está ligada a uma moralidade, que condiciona ao desenvolvimento de certos comportamentos, que acabam se definindo como padrões. Percebe-se pelo que foi dito que na ótica de Raminho a atitude do filho Gleison foi um ato errado.

Márcia, mãe de Gleison, disse que a situação se agravou a ponto de o filho preferir ir morar com a avó (paterna), dona Severina. Descontentes com a situação, Sônia, a irmã de Raminho, e sua mãe, dona Severina, tomaram um posicionamento a fim de darem um basta naquela situação. Márcia conta que elas tiveram uma séria conversa com Raminho e mostraram que ele estava sendo radical com o filho. Dona Severina determinou que o mal-entendido precisaria ser desfeito. Raminho acatou e finalmente entendeu o comportamento do filho e as coisas voltaram ao normal.

Márcia descreve o momento do desfecho da história, conta que Raminho pediu desculpas para o filho. Acrescenta que agradece a intervenção da cunhada Sônia e da sogra, dona Severina, reconhecendo que elas foram essenciais para a situação. Gleison continua ajudando seu pai no sítio.

Em conversa simultânea com dona Severina e Márcia, elas falavam de Raminho, coisas como personalidade, a forma como lida com os filhos e também de como se comporta fora do grupo doméstico. Ao ouvir os relatos percebi semelhanças no modo como Raminho foi criado com o fato ocorrido entre ele e seu filho Gleison. Essa forma de repreensão com o filho pode ser reflexo de como seu pai, Severino, fazia com Raminho. Dona Severina disse que o pai de Raminho era bastante rígido com relação à forma de comportamento dos filhos. Que as punições com relação ao comportamento dos filhos geralmente eram em forma de violência física. Destaca que Raminho sempre era o mais punido. Acredita ela que por este ser “filho homem” e sempre acompanhar o pai. Dona Severina diz que Raminho sempre ia trabalhar com o pai e acrescenta que Raminho “sempre foi agoniado da cabeça”.

Márcia também acredita existir semelhanças entre Raminho e o sogro, seu Severino. “Os dois são bons, mas quando tão chateados a ruindade é a mesma”.

Ao tocar no assunto do ocorrido com o filho Gleison, Raminho enfatiza que jamais pegaria algo do pai, seu Severino, sem o consentimento dele. “No meu tempo de garoto sentia tanto medo e respeito que nem pedia nada a pai”. Acrescenta quando seu pai desaprovava suas atitudes, já lhe aplicava punição. Apresento um fato, contado por Raminho, ocorrido entre ele e seu pai.

Um dia voltando da roça com meu pai, peguei uma vargem de feijão da roça do vizinho e fiquei com ela na mão brincando, meu pai me deu uma surra, que fiquei com as costas toda ferida, minha mãe teve que fazer remédio para passar nas feridas, nunca me esqueço disso. Mas graças aos ensinamentos do

meu pai hoje sou um homem de vergonha, e não pego nada de ninguém.
(Raminho. Entrevista em sua casa, 14/02/2017).

Esta questão comportamental do pai com o filho pode ser pensada com as colocações de Max Weber (1999, p.129). Ao trabalhar os tipos puros de dominação, o autor enfatiza que: “dominação, ou seja, a probabilidade de encontrar obediência a um determinado mandato, pode fundar-se de diversos motivos de submissão”.

É importante frisar que toda dominação requer um quadro de pessoas. Para o tema trabalharei com o tipo de dominação tradicional, que o autor coloca que: “Baseia-se na crença cotidiana na santidade das tradições vigentes desde sempre e na legitimidade daqueles que, em virtude dessas tradições representam a autoridade”. (1999, p.141).

Assim, como dito, a referência a Weber permite refletir melhor acerca do comportamento de Raminho com relação suas atribuições de pai, onde ele vai estabelecer e buscar transmitir uma moralidade aos filhos. Raminho segue fazendo uma comparação de como os filhos deveriam se comportar, relata seu comportamento na época que era estudante com o comportamento dos filhos hoje. Segue os relatos:

Nunca gostei de escola, mas quando minha mãe me obrigava ir, a gente sempre ia, direitinhos e bem vestidos: calça comprida, camiseta e sapato. Só não íamos de sapato se não tivesse. Até a benção a gente tomava à professora. Hoje esses meninos dizem é nome (xingamento) com as professoras! E quando fiquei maiorzinho, tive que sair da escola para trabalhar. (Raminho. 2017).

O próximo exemplo ocorreu em um almoço na casa de Márcia e Raminho. Recebi, através de Márcia, convite para almoçar com eles. Observei que Raminho pediu a filha Grazielle que fosse chamar o irmão Gleison. Ao chegarem em casa, o pai reclamou com o filho. Raminho me disse que não gosta que os filhos não estejam em casa na hora das refeições, que um fato desses jamais acontecia quando ele morava com os pais, Severina e Severino, pois esses não permitiam. O filho ao chegar explicou que estava conversando com um amigo.

3.1.1 Comportamento dentro e fora do grupo

Para Márcia, o emprego de Raminho, de taxista, produz uma fragilidade que o esposo apresenta perante certas situações, em especial quando precisa cobrar a corrida. Acontecem de algumas vezes haver solicitação do serviço e só quando finalizada a corrida é que o cliente avisa que a será pago depois. Segundo Márcia os motivos geralmente são os mesmos, os mais comuns são, “fatos das datas estarem fora dos pagamentos. Precisaram gastar o dinheiro com outros fins” e etc. Márcia relata que, Raminho, sempre pede para que ela execute essa tarefa, a de cobrar essas corridas. Ela disse que vai e que sempre recebe. Mas, que já houve algumas desavenças com alguns clientes.

Aqui exponho o fato que levou Márcia informar sobre essa sua concepção a respeito do posicionamento de Raminho fora de seu grupo doméstico. Ela relatou que era um dia de domingo e que estava almoçando quando chegou um senhor e chamou Raminho para fazer um serviço em seu taxi., A corrida seria até a cidade de Rio Tinto, para comprar um medicamento, Raminho deixou a comida e foi com o senhor. Na volta esse lhe informou que pagaria a corrida na outra semana. Após se passarem duas semanas Raminho pediu a Márcia que fosse até a casa desse senhor receber o dinheiro, Márcia foi e o senhor pediu que ela voltasse lá após oito dias. Os dias se passaram ela foi e mais uma vez ele não pagou. Márcia brigou e disse que só sairia de lá com o dinheiro, que ele desse um jeito, tomasse emprestado e que iria esperar, entrou na casa, sentou-se no sofá e ficou esperando. E aí o momento ficou tenso porque o senhor e Márcia começaram a discutir, já cansado e vendo que ela não sairia ele foi até a casa de um irmão pediu o dinheiro emprestado e passou para Márcia.

Tome o dinheiro, entregue a seu marido e diga a ele que nunca mais faço corrida no carro dele, e que a mulher dele, você, é muito desaforada, veio me fazer vergonha na minha casa, essa é a primeira vez que uma pessoa faz uma coisa dessas comigo, passei vergonha com meu irmão, puxe daqui e nunca mais venha na minha casa. (Cliente de Raminho)

Raminho disse que não gosta de confusão, não gosta de cobrar a ninguém, sente raiva de quem vem chamar ele e não paga, mas que sente vergonha de cobrar, por isso pede para sua esposa, Márcia, pois além de não sentir vergonha de fazer as cobranças é ela quem sempre resolve esses problemas para ele.

Apresento outro exemplo em relação a cobranças de corrida de taxi, o diferencial é que dessa vez os envolvidos são membros da família de Márcia, aconteceu com sua mãe, dona Maria e seu padrasto Pedro. Essa discussão teve início após Márcia pagar a diária de Pedro

após um serviço prestado por ele a Márcia. Pedro é pedreiro e havia terminado de construir um muro no quintal de Márcia a pedido dela. A discussão foi gerada quando Raminho sugeriu que a esposa descontasse uma corrida de carro que seu Paulo havia feito com ele e que deixou fiado. Márcia respondeu que não, que o trato com o padrasto não tinha nada a ver com o taxi de Raminho, nesse momento seu Paulo diz para Raminho que foi dona Maria, mãe de Márcia quem tinha pedido para ele chamar o genro, então quem tinha que pagar era ela e não ele. Raminho indagou e disse que não iria perder a corrida, que independente de quem mandou a corrida foi feita e que ele precisava receber o pagamento.

Raminho disse que falou com dona Maria e ela respondeu que não sabia nem da existência dessa corrida, que ele fosse cobrar a Paulo, e que todas as vezes que ela precisa do taxi de Raminho, sempre pago os serviços, que não é mulher de dever, e que ele fosse procurasse Paulo. Raminho foi e conseguiu receber o dinheiro. Após o ocorrido Márcia diz que as relações entre Raminho, sua mãe e Paulo continuam intactas, não houve distanciamento por parte de nenhum envolvido. E que às vezes acontece algum tipo de aborrecimento por parte de qualquer membro da família, mas que no final fica tudo bem.

Márcia percebe a atitude de Raminho com o seu padrasto Paulo e a diferença de como foi com o outro senhor, e ficou claro diante desse ocorrido a justificativa de Márcia em relação a essa diferenciação que ele exerce sobre a família em contrapartida como é com os membros de fora. “Com o povo da rua ele é todo bonzinho, já com os de casa ele é assim”.

Fica claro que existem divisões tanto de trabalho como social, onde cada um arca com seus afazeres e responsabilidades e que a questão moral tem variações de pessoas para pessoas. A ação de Márcia perante aos pedidos de Raminho, os de fazer as cobranças, deixa Raminho em uma situação confortável, pois ele não precisa se indispor com seus clientes. Já no caso da mãe de Márcia, mesmo havendo atritos, a afetividade existente entre Márcia e sua mãe, foi suficiente para que ela rejeitasse a tarefa pedida por Raminho.

Este próximo exemplo, diz respeito a um fato ocorrido com os filhos de Sônia, Rafael e Cristiano. Sônia relatou que os filhos enfrentaram situações homofóbicas, por conta da orientação sexual do irmão, Leonardo. O fato partiu de amigos de Rafael e de Cristiano. Segundo Sônia, Rafael estava se esquivando de ir jogar bola com os amigos, pois, Cristiano não estava indo jogar, devido a um problema de saúde. Ao ser questionado, por Cristiano, o motivo de Rafael não estar indo, Rafael queixou-se das brincadeiras disparadas pelos amigos. O motivo das brincadeiras se deu após Leonardo ter postado uma foto com seu companheiro na rede social. Cristiano decidiu tomar partido e resolver a situação. Reuniu os amigos e

pediu quês estes tivessem respeito por ele e pelo irmão. A narrativa de Rafael remete à análise de Khoury (2018, p. 135), pois este fato estaria indicando “um foco de tensão na rua e na falação do lugar, apontando um ponto de origem dos primeiros rumores e gracinhas que iniciariam os “disse me disse”.

O fato de Cristiano se posicionar contra aquelas atitudes dos colegas funcionou! Os comentários e as brincadeiras homofóbicas e preconceituosas cessaram. Segundo Sônia hoje não existe mais nenhum tipo de comentário, não que eles saibam ou vejam.

Sônia relatou ter tirado proveito da história dos filhos, pois, eles não externavam comentários e nem opinião a respeito da opção de Leonardo. A brincadeira dos amigos de Rafael serviu para quebrar as barreiras do silêncio entre seus filhos. Sônia aproveitou o momento e quis sobre como os filhos viam a questão da orientação sexual do irmão. Enfatiza que hoje falar em Leonardo na casa é normal e diário. Já houve momentos em que nenhum deles mencionava nada a respeito de Leonardo, nem mesmo posicionamentos contrários, era como se Leonardo não existisse para eles. Sônia relata que essa situação estava sendo um fardo pesado, para ela. Não via abertura para que seu marido e filhos percebessem e aceitasse Leonardo e suas escolhas. Diz que hoje, alegre-se, por ver que os filhos de certa forma também aceitaram a opção do irmão. E que inclusive, Rafael está se preparando para ir morar com Leonardo em São Paulo. O intuito da viagem está ligado a conseguir um bom emprego. Sônia disse que Rafael relatou que não quer seguir carreira acadêmica, quer concluir o ensino médio e entrar para o mercado de trabalho. Sônia acredita que indo morar com Leonardo, Rafael terá mais possibilidade de encontrar um emprego e não precisaria se preocupar com moradia. Acrescenta que ficaria tranquila em saber que os irmãos estariam morando juntos e que um ajudaria o outro.

Sônia por alguns momentos falava na obediência dos seus filhos, dizia que eles sempre foram obedientes. E mesmo depois de adultos, seus filhos, Leonardo, Rafael e Cristiano continuam, segundo ela, ouvindo seus conselhos e suas ordens de mãe. Apresento duas situações relatadas por Sônia sobre dois fatos envolvendo o filho Leonardo. O primeiro fato ocorreu quando Sônia soube que Leonardo estaria fazendo uso de bebida alcoólica (cerveja), segundo a mãe essa prática não condiz com os costumes e ensinamentos passados por ela e Silvinha ao filho.

No aplicativo Facebook Rafael encontrou umas fotos de seu irmão Leonardo e mostrou para sua mãe, Sônia diz que havia diversas fotos e junto com Rafael ficou um bom tempo olhando as fotos do filho, em uma foto mais recente Sônia observa que o filho está

sentado com uns amigos em um local que aparentemente seria um bar e em cima da mesa continha algumas garrafas de cervejas. Ressalta que o filho até sair daqui não fazia uso de bebidas alcoólicas e imediatamente ligou para saber o que estava acontecendo, fez indagações do tipo, se ela estava bebendo? Que lugar era aquele da foto? Quem eram as pessoas que estavam com ele? Etc. A explicação de Leonardo foi de que o momento se tratava de uma comemoração de aniversário de um dos integrantes que morava com ele, Leonardo divide apartamento com três pessoas. E prosseguiu explicando para a mãe que não bebi e que aquele bar fica a dois quarteirões de sua casa, alertou que ela não precisa se preocupar e que iria fazer o possível para sempre deixa-la avisada de seus eventos com intuito dela ficar sossegada.

O segundo fato ocorreu quando Leonardo manifestou a vontade de trazer seu companheiro para conhecer sua família. Sônia disse que Leonardo ligou para sua avó, dona Severina e comunicou que no final do ano pretende vir em casa. Justificando que já tem muito tempo que saiu de casa e acredita que seria um bom momento de seu retorno uma vez que as coisas estão mais calmas. Seguiu dizendo que quer trazer o namorado para apresentar a família. Falou que a família dele é do Ceará, e que os planos é irem primeiro para a aldeia, Jaraguá, e na volta ficarem uns dias na casa dos pais dele.

Segundo Sônia, dona Severina respondeu para o neto que viesse mesmo e que estava sentindo sua falta. Mas, ao desligar o telefone dona Severina mudou sua atitude com relação ao que havia conversado com Leonardo. Ela conversa com Sônia e pede para que ela converse com o filho e exponha que não está de acordo que ele venha acompanhado, ressalta que mesmo sentindo falta dele é inviável que a viagem ocorra não da forma que Leonardo programou. E a avó vai além, segue justificando sua atitude atribuindo uma possível reação negativa e desaprovação por parte de Silvinha, o pai de Leonardo, explica para Sônia que o genro não vai aceitar e isso pode trazer sérias desavenças para a família.

Sônia diz que até entendeu o posicionamento de sua mãe, exceto o fato dela não ter se posicionado diante do neto, já que ele falou diretamente com ela por telefone e que ela deveria ter aproveitado o momento e ter resolvido logo, e não a colocas para resolver. Segundo Sônia o pedido da mãe foi imediato, ou seja, logo que desligou o telefone ela já fez o pedido a filha. A justificativa de dona Severina, segundo Sônia foi a de que não querer contrariar o neto, dona Severina externou para Sônia que: “não quero que ele pense que não estou querendo que ele venha, me faz muita falta, mas com esse homem não, tem que vir sozinho”. Sônia diz que mesmo antes dessa conversa com a sua mãe, já havia pedido para Leonardo não trazer o companheiro ainda, acrescentou que tentou deixar o filho confortável demonstrando que esse seria bem-vindo em sua casa. Explica que aceita sim a opção do filho, mas ainda sente

rejeição por parte de alguns familiares em aceitar o companheiro do filho e acredita que se Leonardo esperar mais um tempo as coisas irão melhorar, ou seja, essas pessoas irão aceitar ou ao menos respeitar sua escolha.

O fato de não concordar com a mãe em reforçar o pedido, seria por receio de que Leonardo não entenda e pense que é ela quem não está querendo que eles venham, tendo em vista que ao falar com sua avó ela “concordou”, então Sônia acha que Leonardo não compreenderia e ela prefere não prosseguir com o pedido da mãe, e pediu que Severina mesmo ligasse novamente e conversasse com o filho.

A avó não quis retornar a ligação para esse proposto, mas tendo em vista o que Leonardo e Sônia haviam conversado ele optou por não vir, entendeu o posicionamento da mãe, disse lamentar muito e que aquela seria a oportunidade de rever os familiares, que eles poderiam ver que seu companheiro era uma boa pessoa e quem sabe entender que independente de opiniões, aceitação ou comentários, que o fundamental era sua felicidade, além do mais o pai poderia ver que nada havia mudado, a forma de vestir continua a mesma e o sentimento também, Sônia coloca que Leonardo diz sentir saudades da família e principalmente do pai, ambos comungavam de uma boa convivência.

O exposto caracteriza-se de duas formas de repreensão. A primeira, ordenada por Sônia, no exemplo da bebida, seria vista pela moralidade e bem-estar do filho. Esta moralidade aplica-se a uma questão da ação do filho em o ato estar certo ou errado, assim como voltada a moralidade de responsabilidade e dos bons costumes. Já o segundo fato, está fundamentado no respeito e na moral. Esta moral, por parte da desaprovação de dona Severina, estaria ligada a uma moral a reputação da família. Ambas as repreensões, tanto por Sônia, quanto por dona Severina, apresentam visão similar. O sentimento expresso por dona Severina conduz para a análise da vergonha, segundo Khoury, não no seu sentido de vergonha cotidiana, diz o autor, mas de vergonha-vergonha, isto é, como uma afronta a um receio de ser objeto de escuta e falação.

A vergonha-vergonha refere-se, assim ao que os outros vão pensar daquela família em particular e ao ser motivo de fofoca e zum-zuns entre os vizinhos e de risos velados e julgamentos sobre o modo de se comportarem, mesmo no âmbito intracasa (Khoury, 2018, p. 123).

Capítulo 4: Machismo/Feminismo: a ótica do grupo doméstico de dona Severina

Apresento nesse capítulo como o feminismo, paralelo ao machismo, vem sendo analisado, partindo de um contexto mais geral para a realidade do grupo de dona Severina. E quais seus desafios e perspectivas, por parte das mulheres dentro deste grupo. Ressalto que muito embora esses temas estejam sendo incluído no cotidiano de grande parte da vida das mulheres, externas ao grupo aqui pesquisado, quero, contudo, deixar claro que o objetivo será apresentar como esta temática se apresenta dentro da aldeia que pesquiso, a aldeia Jaraguá, dando destaque ao modo de vida e de visão que as mulheres do grupo de dona Severina exercem sob tais assuntos, machismo e feminismo.

Ao focar nas questões de gênero, houve a possibilidade de abordar o tema do machismo e do feminismo, dentro do grupo pesquisado. No entanto, adentrar nesse âmbito a partir dos dados obtidos por parte das mulheres tornou-se uma tarefa árdua e delicada, pois os atos, falas e visões distintas apresentaram resultados diferentes. Apresento uma breve contextualização de quando e como se iniciou o movimento que veio a ser chamado de feminismo.

A respeito desta historiografia apresento o trabalho de Maria Amélia Teles (1993, p. 37), que enfatiza que o capitalismo se desenvolveu no modo diferente em cada país, mas todos eles legitimaram o mesmo regime patriarcal. Segundo a autora, foi na segunda metade do século XX que as mulheres da Europa e Estados Unidos iniciaram um movimento por seus direitos políticos e sociais. Esta ação repercutiu nas mulheres brasileiras.

Em 1910 Deolinda Dalho, professora, fundou o partido feminino republicano brasileiro. Em 1997, no Rio, ela promoveu uma passeata com quase cem mulheres, pelo direito ao voto (TELES, 1993, p. 29).

A autora ressalta que em 1934 nasceu a união feminina (UFA) e que em 1935 todas as dirigentes foram presas. Todas permaneceram presas por mais de um ano. Em um reflexo dos movimentos que se seguiram a partir disto, a ONU estabeleceu o ano de 1975 como o ano internacional da mulher.

Diante do exposto acima, apresento alguns exemplos que mostrará como as mulheres do grupo pesquisado, de dona Severina, vivenciam e lidam com atitudes que hoje são consideradas como machismo e como elas se posicionam com relação ao feminismo. Existem uma vasta definição para feminismo, as definições se dão de acordo com cada grupo.

Considero o feminismo como um movimento político, filosófico e social que defende a igualdade de direitos entre mulheres e homens, lutas por igualdades e etc.

O procedimento de análise é verificar se isso se aplica as mulheres que pesquiso. E através dos relatos obtidos já adianto que não. Uma pergunta que eu me fazia era se há feminismo ou machismo no grupo domiciliar de dona Severina? Após a pesquisa e pelos dados apresentados posso dizer que não existe feminismo e que existe machismo, e que em algumas vezes chegam a serem muito fortes. E, por fim, uma outra questão que coloquei como parte da pesquisa: foi de como essas mulheres lidam com esse machismo?

Para essas questões sigo apresentando dois exemplos de situações diferentes a fim de deixar claro como as pessoas que pesquisei externalizam suas visões, como elas vivenciam a questão.

O primeiro exemplo aconteceu na unidade doméstica de Márcia. Era um dia de terça-feira, aproximadamente dez horas da manhã quando cheguei à residência de Márcia e Raminho. Ao me receber, Márcia, avisou-me que naquele momento não dispunha de muita atenção para comigo, pois estava ajudando seu padraсто na construção do muro que mandou fazer. Sentei-me e fiquei a observar os movimentos de Márcia. Essa desenvolvia duas atividades, uma de servente de pedreiro e paralelamente fazia o almoço.

Era por volta das onze horas quando Raminho chegou do sítio. Sentou-se comigo e ficamos conversando. Ele comentou que estava doente, com uma forte virose. Raminho pediu a Márcia que lhe preparasse um sumo, disse que queria que lhe preparasse um sumo de mastruz com leite. Observei que imediatamente ela deixou o que estava fazendo e foi preparar o sumo. Minutos depois, Márcia avisou que já iria servir o almoço.

Ao termino do almoço, em meio a conversa, eu quis saber de Márcia como ela enxergava aquela situação, a de ser mulher, mãe e esposa. Me respondeu que passa por algumas dificuldades no casamento, mas que isso é normal e que seu marido não deixa faltar as coisas em casa, não faz uso de bebida alcoólica e nem é violento. Disse ainda que ele “Me tirou de casa eu tinha dezesseis anos e nunca arrumou outra, ele me respeita”. Prosseguiu falando que com aquele tipo de trabalho (de fazer massa com cimento e cuidar dos afazeres da casa, ao mesmo tempo) já está acostumada:

Aprendi desde pequena que tinha que cuidar de meu marido e dos meus filhos e de sogra e sogro se vier precisar. A mulher tem que cozinhar, lavar e passar para seu esposo; esse é nosso papel. Eu mesmo trabalho na horta, mas

não deixo meus que fazer em casa. E todo dia, onze horas meu almoço já está pronto (Márcia, entrevista em sua casa, 18/04/ 2017).

O relato de Márcia mostra que ela aprendeu que seu papel, como esposa, é arcar com afazeres relacionados aos demais membros do grupo doméstico. Cuidar do esposo e dos filhos. Este relato remete a argumentação de Elizabete, ao enfatizar que:

Ao casarem o novo casal deve ter a sua própria casa, não sendo visto com bons olhos o rapaz que casa e leva a sua esposa para morar com seus pais. O inverso também é verdadeiro. A não ser que o rapaz ou a moça não possa deixar seus pais o que ocorre geralmente por motivos de doença dos mesmos (SILVA, 2013, P. 84).

Entendo o machismo, como a supervalorização física e cultural associadas ao sexo masculino sobre o sexo feminino. No entanto a palavra machismo é utilizada nas mais variadas formas. Analisando o exposto por Márcia, é perceptível que quando se trata de seu papel como esposa, mãe e do lar, o machismo não estaria presente a estas posições.

Claudia Fonseca propõe uma narrativa descritiva e vai apontar relatos realizados em sua pesquisa em bairros de Porto Alegre, de 1981 a 1986, que vai mostrar submissão feminina ao domínio masculino, bem marcante, para tal questão é preciso levar em consideração que há uma variação de grupo para grupo, lugares para lugares e evidentemente de pessoas para pessoas.

Fonseca, (2004) expõem relatos de seus interlocutores como: “Já apanhei e meu olho inchou tanto que nem dava para botar óculos, mas depois passa”. E a resposta da amiga, diante a essa fala foi: “Não deve largar o companheiro por uma coisa dessas”. Em outro relato, um jovem falava para sua irmã: “mulher tem que apanhar do marido mesmo, quanto mais surra, mas ela fica agarrada, não é?”.

Partindo para análise, a partir do trabalho realizado pela autora Patrícia Lessa, a autora faz uma importante reflexão ao discorre um artigo sobre as obras de Maria Lacerda de Moura. Lessa ressalta a importância que teve a autora, Maria Moura, com relação à luta das mulheres. Aponta que “lutar por igualdade” era seu principal objetivo. Na biografia, Lessa, revela que Maria Moura após ter criado sua própria instituição em defesa da causa, seguiu fazendo laços de parcerias com outras mulheres. Lessa, destaca, Bertha Lutz e diz que “do encontro dessas duas feministas, em 1921, ocorreu a fundação da liga para Emancipação Intelectual da Mulher

(Leim), um grupo de estudos que buscava a emancipação intelectual das mulheres e que assumiu a luta pelo sufrágio universal”.

Patrícia aponta que, Maria Moura, ao analisar o andamento, aos quais os movimentos foram tomando, essa, resolveu abandonar e desistir de dar continuidade à liga. A justificativa de Maria Moura, segundo, Lessa, estava pautada em um não contentamento do que seria o fundamento de sua proposta para com as mulheres, “As libertárias achavam-se preocupadas com os direitos das trabalhadoras que cumpriam extensos horários de trabalho e sofriam assédio dos seus chefes ou patrões e, ainda, eram oprimidas em seus lares”. No seu viés o movimento estava abarcando somente a algumas, no tocante seguia um mundo totalmente desigual às demais mulheres. A partir de tal ação Patrícia compartilha com o pensamento de Maria Moura quando coloca:

Maria Lacerda de Moura, porém, logo deixou o grupo alegando que a luta da liga iria beneficiar algumas poucas mulheres, as mulheres burguesas, que segundo ela não confrontavam o poder patriarcal instituído. Ela identificava o home como opressor na figura do capitalista que explorava o trabalho das mulheres. Pensava o feminismo no contexto das lutas de classe, diferente das sufragistas, pois “o feminismo liberal, ao reivindicar principalmente o direito ao voto e à instrução, era muito conservador, pois não questionava as estruturas profundas da sociedade burguesa nem enfrentava a questão da moral sexual imposta e as violências das relações de gênero (LESSA, 2014, p. 293)

Desse modo, Maria Amélia (1993, p. 44). Reafirma a colocação de Lessa. A autora cita Maria Lacerda, ressaltando que a luta dela iria além das propostas. A sua principal preocupação estaria pautada na luta por igualdade política das mulheres. “Pregava o pacifismo, o amor livre e a emancipação das mulheres. Opunha-se ao capitalismo, ao militarismo e ao fascismo”.

Patrícia prossegue enfatizando que, nem todas as mulheres estão assistidas pelo feminismo. “Nunca houve um só feminismo, desde suas primeiras manifestações houve diferentes perspectivas e lutas”.

Linda Terena (2017) concedeu uma entrevista em uma página da rede social (facebook) e o tema era sobre “o feminismo indígena”. O pensamento de Terena, nas respostas aos questionamentos, apresenta uma visão similar a das reflexões do trabalho de Lessa”. Na pergunta inicial, Terena foi questionada se o feminismo indígena existe. Terena, responde que não! “Enquanto mulher indígena desconheço a existência de um feminismo indígena” enfatiza que isso é um termo de origem europeia, foi criado por mulheres brancas e

não foi pensado para mulheres indígenas, “este machismo vem na bagagem europeia, e o contato com o colonizador fez com que isso se espalhasse desenfreadamente, atravessando gerações”.

Trazendo o exposto e fazendo o comparativo com a realidade do meu grupo de pesquisa, apresento a visão que minhas interlocutoras fazem delas sobre si. Não seria prudente nem se faz necessário, expor ou apontar atos e falas machistas partindo do entendimento delas. Percebi em campo, através de relatos e algumas cenas, que no âmbito delas não se discutem ou analisam se as ações são de cunho machistas ou tampouco feministas.

Segundo observações em campo, acredito que elas não veem, ou ao menos não expressam, seus esposos e filhos como homens machistas, que dominam ou impõem controle. Contudo deixo claro que a forma delas agirem, não anula o machismo e que de certa forma pode haver momentos em que exploram também o feminismo, mesmo que inconscientemente. E isso pode ocorrer Independente do que alguém poderia identificar se de fato na aldeia Jaraguá, dentro do grupo doméstico de dona Severina, existem atos machistas ou não, ou se o feminismo em certos momentos se fazer presente.

4.1: O papel da mulher frente ao posicionamento do marido

O exemplo a seguir irá demonstrar como a força da mulher também se faz presente dentro do núcleo familiar, força essa que normalmente seria um papel com indicativo a ser exercido pela figura do pai e esposo, ou seja, indivíduos do gênero masculino. No entanto, este exemplo mostra que era sempre a palavra da mãe e esposa que determinava a ação nesse fato. Seu Luiz mora na mesma aldeia que dona Severina, não faz parte diretamente do meu grupo de pesquisa, resolvi colocar um exemplo que o envolve para apresentar o que estou colocando como pesquisadora, acerca do que é entendido por machismo ou não. Em meio a uma conversa formal falávamos de crianças e adolescentes que começaram a fumar desde muito cedo e seu Luiz partilhou conosco como foi que iniciou a fumar. Deveria ter entre dez a onze anos e lembra que seu pai, Amaro, segundo Luiz era um senhor de aparência rude, sempre fechado e que falava muito sério com os filhos, independente de qual fosse o assunto. Costumava sempre que possível alertá-los a não fazerem uso de fumo; o pai não queria que nenhum filho fumasse ou tomasse qualquer tipo de bebida alcoólica. Caso isso viesse a acontecer, haveria uma punição e o mais provável que aconteceria seria a expulsão de casa. Isto para o filho que desobedecesse a suas ordens. E Luiz segue contando e até rir do que lhe aconteceu, pois disse que aprendeu fumar com sua mãe, mesmo sobre a ordem do pai de Luiz,

ela costumava chamar Luiz e mandava-o acender seu cachimbo. “Venha cá Luiz, bote aqui uma brasnha de fogo no meu cachimbo” Luiz conta que o pai na maioria das vezes encontrava-se presente, e a reação dele consistia em olhar a ação da esposa e não expressar nenhuma repressão ou posicionamento contrário ao ato, nunca reclamou. E foi acendendo o cachimbo da mãe que Luiz aprendeu a fumar e isso perdura até hoje.

Considero o exemplo pertinente para demonstrar que mesmo sendo a figura do pai aparentemente o eixo central daquela família, digo no sentido de que o homem é a referência principal, mesmo os filhos obedecendo-lhe e sentindo-se coagidos com as atitudes do pai, a mãe mostrava claramente ter uma certa atitude de contrariar este poder. Então nesse caso o machismo como domínio do homem sobre a mulher não existiu, no entanto, as demais ações de Luiz não deixam de ser interpretadas como uma relação de dominação sobre a mulher e os filhos. A mãe de seu Luiz não precisou conquistar seu poder, ela sempre teve. O caso descrito mostra uma atitude de contrariar o poder do pai, e mais do que contrariar, demonstra que ela tinha resistência.

Torna-se indiscutível que o machismo existe e está em quase todos os âmbitos, mas isso não quer dizer que a mulher indígena do grupo de dona Severina não tenha adquirido seu poder no espaço doméstico e social, os relatos que obtive, por elas e pelos integrantes homens do grupo, não se enquadram ao de submissão ou opressão. As mulheres pesquisadas consideram-se importantes e uteis principalmente dentro de seus lares, administrarem sua casa e familiares, essas atividades fazem parte do cotidiano delas, onde através dos relatos mostraram sentir prazer a esses posicionamentos.

4.2: Tarefas “de homens” e “de mulheres” na unidade habitacional de Sônia

Relato um ocorrido no grupo de Sônia. Em consultas de rotina ela descobriu que precisará fazer uma cirurgia. Sônia diz que já avisou para o marido e os filhos que enquanto ela estiver em recuperação, eles ficarão responsáveis por todo trabalho doméstico. Já a hortalça ficará por conta de dona Severina e Márcia. Sônia disse que não terá problemas enquanto a isso, pois sempre que ela precisa sair eles fazem as tarefas básicas da casa. Ao questionar sobre quais seriam as tarefas determinadas para homens ou as mulheres, Sônia respondeu que na casa dela não tem essa divisão propriamente dita, diz que cada um sabe de suas obrigações e que as coisas funcionam de acordo com as necessidades, e sempre que precisa, um ajuda ao outro. Disse ser certo que é seu dever cuidar dos afazeres da casa, mas caso haja uma necessidade, que esses afazeres são realizados pelos homens. Aponta que o

único que não gosta das tarefas domésticas é Cristiano: “Ele é desajeitado e preguiçoso para fazer as coisas em casa, mas se precisar mesmo, ele faz”.

As hortaliças de Sônia e os peixes que Silvinha traz do mangue são vendidos na feira livre de Rio Tinto. Destaco a Feira como um importante espaço que garante uma entrada financeira para a manutenção do grupo. A feira, também serve como uma fuga de uma dependência total do marido. (Pretendo para outro projeto, pesquisar melhor esse aspecto, para explorar a possibilidade de margem de autonomia financeira das mulheres).

Sônia relatou que o filho Leonardo, antes de ir embora, sempre lhe acompanhava as feiras. Havia uma divisão de tarefas entre Sônia e Leonardo. Ela vendia os produtos e Leonardo fazia as compras da casa. Disse que ele já estava tão acostumado no desempenho dessa tarefa que ela nem precisava falar a quantidade nem mesmo o que comprar, pois Leonardo já sabia do que iriam precisar para a semana. Com a partida de Leonardo para São Paulo, Sônia disse que tentou ensinar essa tarefa para Rafael, seu filho mais novo, mas viu que não deu certo, Sônia diz que além de ser muito tímido ele não tem a mesma desenvoltura que seu irmão. O relato de Sônia, mostra que a divisão do trabalho no grupo se dá também pela capacidade que cada membro tem de aprender a desenvolver bem determinada tarefa. Acrescenta que Rafael lida melhor com tarefas domésticas.

4.2.1 A relevância da opinião de Márcia em seu grupo como um todo

Neste item quero ressaltar a importância que tem Márcia dentro do seu grupo doméstico, tanto do grupo de dona Severina, quanto do grupo habitacional de sua mãe, dona Maria. Márcia produz um papel que de certa forma dá equilíbrio nas relações. Os exemplos a seguir, mostram as participações de Márcia e o reconhecimento que os integrantes atribuem a ela.

São ofertados pela FUNAI, empréstimos financeiros, relacionados à meia de produção. O pequeno produtor faz o pedido de um determinado valor, em espécie e após análise este poderá ser contemplado ou não. Sônia conta que isso vai depender muito da justificativa de como o dinheiro será empregado, mesmo porque os funcionários vão até o local fazer inspeção e se certificarem que está tudo certo e atendendo os requisitos propostos pela instituição. Para participar, algumas regras devem ser seguidas: o indivíduo precisa ser cadastrado pela instituição, comprovar renda, ser maior de dezoito anos, possuir comprovante de votação, o nome não estar inadimplente, precisa ser especificar por escrito e o último passo

é ser submetido a uma entrevista, na qual o contemplado precisa detalhar como e onde o dinheiro será investido. O beneficiário terá um tempo de seis meses a um ano para que o produtor comece a pagar, isso vai variar e depender da distribuição, por exemplo, no caso de plantação esses terão seis meses para começarem a pagar a primeira parcela para a FUNAI, já no caso de animal de pequeno porte, esses terão um ano e assim sucessivamente. O bom do empréstimo, segundo Sônia, é que não pagam juros e chega um tempo em que dependendo do pagamento, se esse tiver sendo realizado em dia, esse valor tende a diminuir consideravelmente.

Raminho, esposo de Márcia, já fez dois empréstimos desse tipo anteriormente. O primeiro foi para comprar seu táxi e o segundo para investir em sua plantação de coco e maracujá. Agora está, novamente, prestes a fazer o terceiro, mas segundo Raminho, Márcia não está concordando com esse último empréstimo. Ele disse que o motivo da discordância é por conta de outra dívida que Raminho adquiriu ao comprar dois pneus novos para seu carro. Ela tem medo que ele tome o empréstimo e não tenha condições de pagar uma conta por causa de outra conta, e com isso descumprir a efetivação do pagamento, pois, quem atrasa o pagamento é automaticamente suspenso do programa e a punição é a de perder a participação. Raminho está pensando em desistir, disse que vendo pelo lado colocado por Márcia, ela tem total razão de estar com receio da realização do empréstimo.

Estava na casa de Sônia quando Raminho me explicava essa parte do plano, e no momento ele aguardava por Márcia. Ela estava no postinho medico da aldeia. Raminho saiu de casa cedo para ir à cidade de Rio Tinto pegar a documentação para Márcia assinar, e estava esperando a esposa para verem se de fato fariam ou não o empréstimo.

Cerca de aproximadamente quarenta minutos depois, Márcia chega e vai até a casa da cunhada. A conversa entre o casal acontece ali mesmo na nossa frente, ele inicia mostrando a papelada e analisando juntamente com ela os valores. Márcia diz não ter dúvidas que aquele fosse um bom negócio, prosseguiu, assegurando ao esposo que assinava, mas que não estava segura, mas ele poderia fazer.

Dois meses depois voltei à aldeia e perguntei se o empréstimo havia dado certo, Márcia disse-me que Raminho havia desistido: “Mulher, não te conto: Pois o homem não desistiu do negócio. Graças a Deus que me ouviu”. Márcia afirma ter certeza que o marido viria a se arrepender caso tivesse realizado o negócio. Os planos de Raminho era usar a plantação como argumento para conseguir o empréstimo, mas segundo a esposa ele iria acabar gastando o dinheiro com outros fins que não reverteria em lucros. Ela diz não

conseguir enxergar a ampliação dos mesmos produtos nem tampouco investir em outro carro e que na realidade o dinheiro não tinha um determinado propósito e essa era sua maior preocupação.

Os relatos de Márcia mostram que ela tem uma representatividade bastante significativa tanto em sua família materna, quanto na família do esposo. Sônia, a cunhada, externou algumas vezes, sobre a admiração que sente por Márcia e disse de que estão sempre se apoiando, se ajudando no que é necessário. Como também já ouvi comentários semelhantes, por parte de dona Severina. Ela diz que a nora, Márcia, é batalhadora e uma excelente mãe, agradece, por Raminho ter casado com ela.

O exemplo, acima, sobre a construção do muro e o preço cobrado pelo padraсто de Márcia, mostra um pouco seu perfil de participação diante sua família materna. Pedro comentou que cobrou um preço em conta na construção do muro. Dando como justificativa o fato de que Márcia é uma das filhas de dona Maria que mais apresenta aproximação com ele. Disse considerar, os filhos de Márcia como verdadeiros netos. E em meio à conversa, Márcia pede que ele me conte a história de uma namorada que ele havia arrumado. Pedro, em tom de brincadeira, relata o fato, diz que há um tempo conheceu essa mulher, ele trabalhava e ficava a semana inteira em João pessoa. E que dona Maria, mãe de Marcia, morava na aldeia, Jaraguá e esperava por ele aos finais de semanas. Disse que o romance só durou enquanto tinha o trabalho. Após o termino do serviço eles se desconstraram. Perguntei para Márcia qual o posicionamento de sua mãe ao saber da história, e ela respondeu que ela demonstrava chateação e que reivindicava, ao marido, que não trouxesse a outra mulher na aldeia. Pedro relata, que por várias vezes, Márcia reclamava da situação. E não queria que ele tivesse outra mulher, mas que, mesmo chateada, Márcia foi a única filha, de dona Maria, que conversava com a mãe e pedia que ela não separe dele. Acrescenta também, que ela se posicionava contra e que foi através das reclamações e conselhos, de Márcia, que ele resolveu acabar com o relacionamento fora de seu casamento.

Neste sentido, Terena (2017) nos chama a atenção para o fato de que “As reivindicações das mulheres são realizadas de forma que abranja toda estrutura familiar, os casos não são pensados isoladamente”. Portanto ser pertencente a uma aldeia Potiguara, ou ter que trabalhar na horta, fazer os deveres domésticos serve para elas como realizações próprias e também para com seu grupo familiar. Condiionadas à dedicarem seu tempo ao seu grupo essas mulheres realizam e enxergam suas atividades como parte do seu comprometimento de dona de casa, esposas, mães e filhas dedicadas que são, sem demonstrarem conscientemente

algum problema em assumirem ou reclamarem de suas funções, tarefas e seus posicionamentos dentro do grupo.

O reconhecimento do papel que Márcia exerce dentro do grupo doméstico como um todo leva a refletir como são dadas as formas de afetividade entre os indivíduos. O fato dos relatos de Sônia, dona Severina e Pedro, padrasto de Márcia, expressarem admirações e elogios a seu respeito deixa Márcia em uma posição de prestígio adquirido perante os membros do grupo. Existe aqui também uma outra questão, que é a dos sentimentos, reforçando as relações, tanto pela linha consanguínea, mas também para além dela. Neste sentido, Khoury (2013, p. 118), afirma que “A intensificação das relações reforça os laços.

Capítulo 5- Manutenção de uma casa: divisão social do trabalho por gênero e idade no grupo doméstico

Na tradução do dicionário Aurélio, a palavra “lar” significa local na cozinha, onde se acende o fogo; lareira. Além de focar na organização do grupo doméstico, o trabalho tem como intuito apresentar a economia dos integrantes. Isso, na forma de na forma de ganhos e gastos dos seus membros, como estes são efetuados e administrados.

Os membros dos núcleos domésticos apresentaram características distintas quanto sua forma de administrarem as finanças. Já com relação à divisão do trabalho apresenta-se de formas bem semelhantes. Assim, ao analisar os relatos dos indivíduos pude constatar essas semelhanças e as diferenças. Portanto a partir de tais relatos apresento a seguir como são feitas essas divisões, ganhos e gastos de cada grupo doméstico.

Analizando pelo ângulo da economia do grupo, percebi, que as mudanças nas estruturas familiares dialogam com suas dinâmicas, sejam essas sociais, de convívio pessoal ou de valores. E a divisão econômica do trabalho e suas particularidades, para o grupo de dona Severina, compactuam tanto no quesito afetividade referente à família, quanto no que diz respeito à sustentação econômica e financeira para a manutenção dos indivíduos e do grupo doméstico. Para melhor entendimento, trago o pensamento de pereira.

As identidades de cada chefe de núcleo doméstico demonstraram ser muito relevantes para organização sócio-econômica do grupo. “Através dela, o grupo consegue estabelecer relações com diversos setores da região, alargando e especificando suas redes sociais. (PEREIRA, 2014, p.71).

Os papéis que envolvem Seu Severino e dona Severina dentro da divisão social do trabalho antes e depois da morte deste, faz parte de como se dar a manutenção deste grupo doméstico em que cada um tem uma modalidade, ou seja, cada integrante se encarrega em contribuir e colaborar nas atividades econômicas uns dos outros.

E partindo para termos de manutenção dos integrantes do grupo, pode-se acrescentar que todos contribuem na medida das suas capacidades. Porque em geral é indiscutível e precisa ser afirmado que nenhum indivíduo consegue sozinho dar conta de tudo que ele necessita, então a ideia de uma divisão social do trabalho é fundamental dentro de um grupo doméstico. E a contribuição das mulheres se fazem necessárias em suas unidades domésticas. E partindo deste fato, Silva (2013, p.127) apresenta uma visão similar em seu trabalho,

expressando-se do seguinte modo: “o trabalho relacionado ao cuidado serve como justificativa para indicar o lugar dessas mulheres no processo produtivo e para reforçar a divisão sexual do trabalho”.

Com relação a divisão sexual do trabalho e por categoria de idade, que percebi na pesquisa, busquei analisar como dona Severina e os outros integrantes de seu grupo doméstico veem o seu desempenho nas atividades diárias. Percebi que para eles ser idoso não anula a capacidade da matriarca de realizar seus trabalhos, ou seja, a pessoa com certa idade não se torna descartável, ou tida como devendo estar descartável. A argumentação de Silva (2013, p. 90) segue no sentido de observar que: “[pois] a mulher aposentada continua tendo responsabilidades. Ela não é substituída pelas filhas [...] essa substituição não ocorre no caso da mãe, mesmo com a aposentadoria, ela continua”.

Dona Severina se encontra situada neste tipo de entendimento. Deixar de realizar as atividades diárias que entende como sendo de sua responsabilidade por conta da idade ou por deficiência do corpo cansado ou enfermidade não corresponde a sua perspectiva existencial, como já mencionado, ela é do campo e isso para quem é camponês não funciona. A própria ideia de um afastamento dela, de suas atividades no campo, seja por idade ou por gênero, pois ela passou a desempenhar alguns afazeres do esposo falecido, este comportamento é parte de uma construção cultural. A argumentação de Silva (op. cit.) segue no sentido de observar que:

Como característica da agricultura familiar, exige-se o envolvimento de todos os membros da família em diferentes formas de ajuda mútua. Nesse processo existe uma distribuição do trabalho por categorias de idade. Cada um é responsável por determinadas atividades dentro da unidade de produção familiar. (SILVA, 2013, p. 84)

5.1: Ganhos e gastos da unidade doméstica de dona Severina

Nesse item vou dissertar sobre como cada um dos indivíduos da unidade doméstica de dona Severina contribui e compartilha com os ganhos e os gastos. Como já citado antes, fazem parte desta unidade doméstica Maria, Tinha e Vanilson. A renda é composta por três aposentadorias, sendo, uma pensão pelo falecimento do marido, uma aposentadoria de dona Severina e a terceira pertencente à Maria. Além das aposentadorias e pensão, elas têm a horta, como fonte de renda. Segundo dona Severina o que retira da horta serve mais para consumo, diz que as vendas são poucas e que não vai à feira, vende em casa mesmo.

Dona Severina aponta que sua parte nas despesas é com alimentação, contas de água e luz, sementes para a horta e com despesas extras que surgem eventualmente na casa no decorrer do mês (como concertos de alguma coisa que precise na casa, reformas, medicamentos para algum animal, conserto de moveis e eletrodomésticos). Diz que geralmente costuma fazer esses reparos ou essas despesas inesperadas com as rendas que retira com a venda dos produtos da horta. Coloca também que quando não surge nenhuma despesa, costuma guardar o dinheiro. Relata que a venda do coco é a mais rentável. É com a venda deste produto que dona Severina paga as contas inesperadas que surgem. Como já citado, o espaço do roçado é dividido entre as três, dona Severina, Sônia e Márcia, mas os pés de coqueiro, independentemente da localização naquele recinto, são pertencentes a dona Severina. É José, irmão de Márcia, quem negocia os cocos com dona Severina, ele é encarregado de vender e de colher. É ele quem recebe o dinheiro e repassa para dona Severina e essa lhe dá uma porcentagem, por vender e também por ser ele quem colhe os cocos.



Imagem 4: José (irmão de Márcia) fazendo a colheita dos cocos no roçado de dona Severina

Maria, a filha, ajuda na manutenção dos trabalhos, tanto na horta de dona Severina quanto nos afazeres doméstico. É responsável pela limpeza da casa e por alimentar os animais. Dentre os animais que Maria alimenta e cuida, tem os animais domésticos que são cachorros, gatos, passarinhos, ramster e também as galinhas. As despesas com a alimentação para os animais são cobertas por dona Severina. Compete a Maria arcar financeiramente com as despesas atribuídas a ela própria e aos seus dois filhos. Geralmente os gastos são com compras de roupas, medicamentos, e, caso necessário, e material escolar para Vanilson. Tinha, a filha, não estuda.

Além das aposentadorias de dona Severina e Maria, Vanilson desenvolve algumas atividades econômicas. Construiu um viveiro no quintal da avó, onde ele cria caranguejos. É Vanilson quem arma as ratoeiras para a captura, depois ceva e vende os caranguejos. Geralmente são vendidos ao dono de um restaurante localizado na Aldeia mesmo e quando coincide de não vender todos de uma única vez e nem à mesma pessoa, ele leva o restante e vende na feira de Rio Tinto.

Vanilson me explicou como é feito o processo da ceva dos caranguejos. O processo requer um tempo de espera. Segundo Vanilson, após a captura os caranguejos precisam passar um bom tempo se alimentando. Disse que eles se alimentam de quase tudo, geralmente comem resto de comida, frutas, verduras e ração para animais. O propósito de cevar os caranguejos é para que estes possam adquirir peso, pois quanto mais pesados, mais fáceis são de serem negociados e aumentam também de preço.

Sua mãe Maria contribui ajudando a alimentar os caranguejos, coloca água e limpa o local sempre que precisa; mas é Vanilson quem compra os alimentos para seus bichos, tanto para os caranguejos quanto para os pássaros que cria.

Os gastos de Vanilson não tem uma finalidade específica, é usado de diversas maneiras, às vezes compra lanche na escola, ou com roupas, chuteira, tênis, e costuma guardar, diz que não é muito, mas que ele sempre tem um dinheirinho guardado e que quando surgem viagens de excursão, por exemplo, ele vai com o próprio dinheiro, apontando que, ele arcando com suas despesas, facilita para sua mãe e irmã, já que, Tinha não trabalha.

Maria diz também que já precisou para comprar medicamento que era um pouco caro e ele ajudou. Vanilson disse que a corda com oito caranguejo custa em média oito reais, mas se estes estiverem já cevados e maiores, aí aumenta o valor, ficando entre dez a doze reais.

Dona Severina, mensalmente repassa uma parte da aposentadoria que recebe de seu Severino, para os filhos Sônia e Raminho. Não informou o valor, mas disse que, desde quando começou a receber que faz isso. Explicam que percebe que os filhos não vivem confortáveis financeiramente somente com o que recebem, os ganhos são poucos, a casa precisa ser mantida, e por essa razão ela ajuda os filhos. Enfatizou que o mesmo não acontece com Maria, pois, o fato de morarem juntas facilita na hora das despesas, diz que deixa Maria fora das despesas principais da casa, para que possa se manter e manter seus dois filhos, Tinha e Vanilson. Mesmo não repassando para Maria, a quantia em espécie, salienta que sempre que os netos, Tinha e Vanilson, precisam de alguma coisa, e que a mãe não pode comprar é ela

quem ajuda. Esses dias a neta, Tinha, havia lhe pedido um celular e dona Severina pediu para Sônia, sua filha, que fosse até a loja e comprasse.

Disse-me que Sônia é quem faz suas compras de supermercado e quem compra suas roupas, ou alguma outra coisa que surja, como o caso do celular. Dona Severina diz que não gosta de ir à cidade, diz que os ambientes são muito cheios e o povo faz barulhentos de mias, e disse que também não despõe de paciência para compras, só vai à cidade no caso de uma necessidade. “Gosto mesmo do meu sossego, na minha casa e na minha rocinha.

5.1.1: Ganhos e gastos da unidade doméstica de Márcia

As atividades, lucros e gastos no grupo doméstico de Márcia são divididos entre Márcia e Raminho, algumas atividades tem a ajuda dos filhos, especificarei abaixo. Raminho trabalha como taxista e tem outro trabalho que é na plantação, em um pequeno sítio, localizado na Aldeia mesmo.

Gleison e Márcia ajudam Raminho na plantação, colheita e na irrigação, a tarefa de irrigar é obrigação de Gleison, esta foi estipulada pelo pai, todos os dias e em um determinado momento no horário da manhã é Gleison quem vai ao roçado e molha os produtos. Já no horário do final da tarde o filho tem a companhia e ajuda de sua mãe e maioria das vezes Raminho também está por lá e os três realizam a tarefa em conjunto.

Márcia, como já mencionada anteriormente, trabalha num espaço, nos fundos da casa de dona Severina, cedido por esta, e recebe o pagamento do programa Bolsa família (instituído pelo governo federal). Seu plantio é composto por, alface, pimentão, coentro e couve. Depois de colhido, o material é vendido por Márcia na Vila Regina. Em caso de outros produtos que Márcia planta esporadicamente como hortelã, por exemplo, Márcia pede para Sônia vender na feira de Rio tinto.

Gleison não ajuda na horta, já aos sábados acorda às cinco horas da manhã e vai com a mãe até a Vila Regina. Márcia disse que pediu a ajuda do filho porque estava sentindo-se cansada e o trajeto da aldeia até a vila é distante, segundo Márcia é equivalente há uns três quilômetros e além de ser distancia, diz, que existe uma ladeira bastante íngreme. O filho vai com ela e, ao deixá-la no local, ele volta para casa, e que geralmente volta a dormir.

As despesas também são divididas, segundo Márcia a divisão é feita de maneira pacífica e ambos arcam com suas responsabilidades e isso ajuda a manter uma convivência doméstica tranquila diz que às vezes até surgem pequenos aborrecimentos, geralmente com um ou outro produto que venha a faltar em casa, ou por parte de pagamentos não entrarem na data certa e isso algumas contas ficam sem serem pagas na data determinada, mas nada que com poucos dias não se resolva, diz ela.

Raminho é responsável pelas contas mensal da casa como água, energia, suas roupas e a parte da alimentação, as compras são efetuadas por Márcia; é ela quem seleciona os produtos. O esposo acompanha, com a finalidade de efetuar o pagamento e para ajudar a transportar até sua casa. Márcia aproveita e faz um elogio ao marido: “Para essas coisas ele é muito bom, não deixa faltar nada em casa, e nem reclama da quantidade dos produtos”.

Já a parte da contribuição de Márcia é realizada com compras de móveis, reparos e construções na casa, roupas, calçados dela e dos filhos, material escolar, gás, acrescenta que o gás demora acabar, pois, faz uso do fogão a lenha, diz que não pensa em se desfazer do fogão a lenha, que já até pensou em retirar e usar somente o fogão a gás, mas o uso do fogão a lenha, para Márcia tem dois propósitos positivos, o primeiro é o gosto que deixa na comida, segundo ela o sabor d comida cozida no fogo a lenha é diferenciado, nesse caso há uma preferência, e o segundo motivo seria a economia, revela que passa em média um ano, um ano e dois meses sem precisar trocar o botijão de gás.

Os materiais para a construção do exemplo citado no capítulo 3, foi Márcia, quem arcou com todas as despesas, tanto dos materiais quanto do pedreiro, seu Pedro, seu padraço.

Despesas com brinquedos, festinhas de aniversários e aparelhos eletrônicos para os filhos também são comprados por Márcia. Esses dias comprou um tablete para Gleison, mandou instalar uma linha telefônica em casa, segundo ela recebeu a proposta de instalar a linha, pois, os beneficiários que recebem o Bolsa família podem ter um desconto na conta e que esse desconto ocorre automaticamente, além do mais o serviço telefônico irá facilitar o contato com alguns parentes e amigos que moram dentro e fora da aldeia. Essas foram as principais razões que fizeram com que Márcia assumisse o contrato, diz ela.

Márcia relatou que às vezes empresta dinheiro para Raminho e que entram em atritos caso ele se recuse ou demore a pagar, mas que sempre paga, diz que faz suas economias, consegue administrar as finanças e com isso ela tem uma conta poupança e sempre guarda um pouco dinheiro, disse também que prefere comprar sempre a vista, não gosta de dividir em prestações ou comprar com cartão de crédito ou débito.

Como citado, Márcia recebe bolsa família, com o dinheiro compra coisas extras que irão surgindo, como medicamentos, mantimentos no mercadinho de sua rua, caso venha a faltar em casa ou lanche para os meninos, mas nada destinado especificamente com esse dinheiro.

Márcia diz tentar ser justa com os filhos e exemplifica falando do aniversário de Graziele, o aniversário será comemorado no mês de outubro, porém não será comemorado com festa, Márcia disse que todo ano comemora, mas esse ano não será diferente, pois não fez a festa de Gleison e por essa razão não iria fazer a de Graziele, coloca que não acha justo comemorar o aniversário de um filho e do outro não.

Márcia disse que presenteou o filho com um tablete e que Graziele está lhe pedindo um aparelho de celular, a mãe disse que não dará o celular, não agora, já conversou com a filha e que o presente seria uma roupa ou uma sandália, e que só vai deixá-la usar o celular quando completar quinze anos, a justificativa é que Graziele é criança e ainda não adquiriu maturidade para possuir e utilizar tal aparelho, Márcia revela que não dispõe de conhecimento suficiente para controlar o que a filha poderia acessar, e que não mantém nenhum interesse em aprender a manusear celular, acha um instrumento complicado, contudo ela não exerceria nenhum controle sobre o que a filha estaria usando e com quem estaria se comunicando, e essa seria mais uma razão para negar o pedido.

Segue afirmando que essas tecnologias são muito perigosas, já ouviu falar em muitos casos de sequestros, estupros e até de assassinatos, Márcia vê os aparelhos celulares para Grazi como algo altamente perigoso, onde os aplicativos oferecem riscos incalculáveis para quem não sabe usar de forma correta.

Graziele ouviu a justificativa de Márcia com a gente e fez um questionamento, indagou com a mãe o fato de que Gleison havia ganhado seu celular quando ele tinha a mesma idade que a sua. Márcia confirma esse fato e acrescenta que há uma diferença entre os dois, diferença tanto de comportamento quanto de maturidade.

Perguntei para Márcia quais seriam essas diferenças entre os irmãos, respondeu que uma das diferenças é que “ele é homem e ela mulher”. Os detalhes descrição, fornece, que Márcia faz uma distinção de gênero, onde existe uma vantagem no fato de Gleison ser do sexo masculino sobreposta a Graziele, essa por ser do sexo feminino, onde existe “regras” somente para a filha. A mãe prossegue exemplificando que “a menina mulher precisa de mais cuidados”. Diante do exposto de Márcia cabe ressaltar que o cuidado que ela se refere não está atrelado somente com cuidados de proteção ou medos, existe uma atenção maior, dada

pela diferenciação de gênero e isso explica o fato de Gleison ter ganhado seu celular quando tinha a mesma idade que Grazielle tem hoje.

Márcia prossegue dando justificativas com relação à diferenciação de comportamentos dos filhos e que ao analisarmos, vê-se que há possibilidade de que Márcia não queira dar o celular também como uma forma de punição, pois sempre que possível faz comparação de comportamento dentre Gleison e Grazielle. Comentou que ultimamente a filha está com conversas de caráter duvidoso quanto a sua autenticidade. “Ela agora aprendeu mentir”. Já com relação ao filho diz que isso nunca aconteceu, que ela percebesse. Além de passar confiança, pensa Márcia, Gleison sempre foi um bom aluno e sempre adquiriu boas notas na escola; o mesmo não vem acontecendo com Grazielle. As possíveis inverdades citadas por Márcia em relação à filha estariam ligadas à rotina escolar:

Aqui em casa nunca chegou uma reclamação dele, é um menino muito bom, já ela, fui chamada na escola esses dias e a professora queixou-se do mau comportamento dela e as notas estão quase todas vermelhas. Foi suspensa porque chutou um colega e ainda respondeu a professora mal; a sorte é que não contei para o pai dela. (Márcia 2017).

Grazi assumiu ter chutado o colega alegando que o mesmo tentou agarrá-la e beijá-la justificando que estava se defendendo, que falou para a professora e mesmo assim foi suspensa, Márcia falou que era mentira e que “ela é danada mesmo”. Com relação às notas, Gabi me disse que está com medo de ser reprovada e que vai estudar para tentar se recuperar, com o intuito de não repetir o ano.

Márcia coloca que Grazielle não tem tarefas estipuladas, esporadicamente ajuda a mãe na horta, mas isso acontece “naturalmente”, isto significando que Márcia não atribui nenhum serviço à filha. Observei que Grazielle sempre que estar perto da mãe ou de alguém que esteja praticando alguma atividade na horta, com ela sempre ajudando, e Márcia disse que desde pequena ela ajuda, sem precisar a mãe mandar. Neste ponto a priori podemos analisar que o que Márcia aponta como “naturalmente” não explica o verdadeiro sentido as ações de Grazielle, pois, quando a filha repete os movimentos da mãe significa que isso é o resultado de um longo tempo de observação e de aprendizado, sendo esperado que a filha auxilie.

Nesse sentido é pertinente intensificar este assunto a partir do pensamento de Mauss, (1934, p. 405), para o autor “A criança como o adulto, imita atos bem-sucedidos que ela viu ser efetuados por pessoas nas quais confia e que tem autoridade sobre elas”. O fato de Grazielle chegar ao local de trabalho da mãe e fazer o mesmo que sua mãe está fazendo não

significa que a menina começou a desenvolver tais serviços sem qualquer forma de condicionamento, e o pensamento de Mauss se adéqua exatamente no que acontece com Grazielle e Márcia.

Um fato muito interessante partiu de Grazielle ao realizar uma das tarefas que estava sendo efetuada por Márcia. Estávamos eu, a colega de pesquisa Marianna, Sônia, dona Severina, Márcia, José e alguns outros homens retirando coco, nos fundos da casa de dona Severina. Grazi chegou e imediatamente sentou ao lado da mãe. Márcia fazia um trabalho de retirada das taliscas das folhas do coqueiro, pois ela constrói vassoura com o material. Marianna estava tentando fazer junto com Márcia, antes de Gabi chegar, mas não estava obtendo sucesso. Já com relação à Grazielle, foi perceptível sua habilidade e precisão; sua agilidade foi notória. A menina está aprendendo e desenvolvendo conhecimentos nas atividades de trabalho, inspirada e imitando a pratica de sua mãe.



Imagem 5: Grazielle ajudando Márcia- 20016

Outro fato interessante, envolveu os gastos da casa de Raminho, este aconteceu no mês de setembro de 2017. O fato foi relatado por Márcia, ela conta que um homem de nome Vicente chegou à aldeia Jaraguá com a proposta de vender cesta básica. O trâmite da venda consistia nos interessados revenderiam e essas vendas lhes ofertariam um desconto de cinquenta reais, por cada cesta vendida. O plano era o seguinte, o cliente daria trezentos reais de entrada, venderia uma segunda cesta, para outra pessoa, pelo valor de trezentos e cinquenta, obteria na entrega de duas cestas o total de cem reais e assim sucessivamente. E de

acordo com o número de cesta, que este fosse conseguindo vender, teria sempre o desconto de cinquenta reais, que converteram em compras.

Raminho propôs a Márcia que comprasse uma de suas cestas, ele daria o valor de trezentos e cinquenta reais, ela colocaria trezentos reais e ganhariam duas cestas no valor de trezentos e cinquenta cada uma, e essas comprar seriam suficientes para um bom tempo, Márcia diz ter aceitado acordo, com esta somatória Raminho e Márcia obteriam um valor de cem reais, que seriam convertidos em produtos.

Márcia diz que ao receber as compras sentiu insatisfação, principalmente com a seleção e relação dos materiais, a escolha dos produtos é feita por quem entrega às compras, e não por quem compra. Enfatiza que Vicente deixou subentendido que era direito dos clientes fazerem a seleção. Outro aborrecimento foi com relação à quantidade destes materiais, explicou que a quantidades dos produtos recebidos equivalem ao da quantidade de duas caixas de tamanho médio.

Márcia disse que as compras não duraram metade do esperado e que estava esperando Vicente para desfazer o negócio e que só ia perdoar os trezentos reais que deu para Raminho porque ele também havia sido enganado. E também não via maiores motivos para uma discussão, pois sabe que Raminho tentou fazer algo pela família que em sua concepção enxergava como um bom negócio, mas disse que já alertou ao marido, que quando surgir qualquer coisa inesperada, a exemplo, dessas que foi a compra dessas cestas, que ele converse com ela, encerra a conversa expressando que nunca gostou de comprar assim, prefere fazer suas compras nos supermercados. Os gastos com despesas na casa de Márcia são separados, cada um tem suas obrigações, assim como as finanças também são, Márcia administra o seu e Raminho o dele. O fato é que as formas de empregarem e arcarem suas despesas resulta em bem-sucedidas.

5.1.2: Ganhos e gastos da unidade doméstica de Sônia

A forma de administrar as finanças na casa de Sônia e Silvinha diverge da forma administrada na casa de Márcia e de Raminho. Neste grupo quem administra todas as finanças é Sônia, Silvana trabalha na maré, aprendeu a profissão com o pai e desde garoto exerce esta mesma profissão, até comentou que há algum tempo atrás tentou mudar de ramo e que a convite de um dos seus irmãos foi para o estado do Rio de Janeiro trabalhar como servente de

pedreiro, mas que não se adaptou nem a cidade nem tampouco a profissão, preferiu voltar para a pesca e para sua aldeia. É Silvinha quem faz a manutenção de sua rede de pescaria, essa herdada por seu pai, herdou a rede e aprendeu também como fazer o conserto; comenta com orgulho o presente deixado, pois aquela rede é a mesma que seu pai pescava e também de como foi gratificante o aprendizado.

Silvinha planta e colhe capim para as vacas que ele cria, esse trabalho com as vacas, os filhos Rafael e Cristiano e às vezes Sônia ajudam ou substituem Silvinha com essa tarefa, se coincidir de Silvinha estar na maré um dos filhos ou a esposa corta o capim e alimenta as vacas. As rendas que Silvinho obtém é com os peixes que pesca e com a venda de vacas, diz que sempre que precisa de um dinheiro extra para cobrir alguma despesa inesperada ele vende uma ou mais cabeças de gado.

A contribuição de Rafael e Cristiano na divisão das tarefas consiste em ajudarem a cortar capim para o gado, colocar milho para as galinhas e levar para pastar as vacas. Sônia diz que Rafael ajuda nas tarefas de casa, geralmente na limpeza ou na parte de fazer comida, isso ocorre quando Sônia precisa sair, neste caso, Silvinha também cozinha. Diz que o filho Cristiano não gosta destes tipos de trabalho.

A renda de Sônia é retirada com a venda de seus produtos, tanto em casa, quanto na feira. É beneficiária do programa Bolsa Família e recebe uma quantia, como já mencionado, ofertada por dona Severina. Sônia disse que o filho Leonardo também ajuda nas despesas de casa. “Quase todo mês ele manda um dinheirinho, é pouco, mas já serve”. Encarregada de levar o material, Sônia, vender e negociar da melhor forma possível, afirmando que sempre vende tudo que leva. Prossegue falando, que Silvinha não quer que os filhos trabalhem na maré, não considera um bom emprego para eles, alega que a maré é cansativa e que desgasta muito, pois eles teriam que passar noites em claro e a renda é pouca. A parte burocrática como, por exemplo, a documentação da associação de pescadores, assim como toda parte administrativa inclusive a venda dos peixes fica a cargo de Sônia, e ela quem cuida dessas partes.

A limpeza dos peixes trazidos por Silvinha é realizada no quintal de sua casa, o trabalho é realizado basicamente por todos os membros da família de dona Severina, não existe uma divisão por escala, não é estabelecido quem deve ajudar na limpeza do peixe, ou seja, eles revezam de acordo com as urgências de cada particularidade dos indivíduos. Geralmente juntam-se todos da casa de Sônia e sempre recebem a ajuda de dona Severina e da cunhada Márcia, quando estas dispõem de tempo. O peixe é limpo, salgado e embalado para

consumo. Podemos constatar com essa ação, tanto uma divisão de trabalho por parte da unidade doméstica de Sônia, quanto da ajuda entre os membros do grupo, sua mãe e de Márcia. Diferente da troca da reciprocidade proposta por Mauss (2003), o que está em vista, nesta ação dos membros, é a expectativa de uma troca entre os membros do grupo doméstico como um todo. Deve-se levar em consideração, de que, quem trabalha sempre tem em vista que o trabalho vai resultar, daquele trabalho para todos.

Este fato foi observado em campo, onde nesse dia estavam presentes Silvinha, Sônia, Rafael e dona Severina. Perguntei para Sônia se aquele grupo era o responsável por tal atividade e ela explicou que existem variações, o filho Cristiano, por exemplo, naquele dia não estava ajudando e o motivo seria devido a um problema de saúde que estava passando; continuou falando que a cunhada Márcia havia ido até a cidade e não voltou a tempo de ajudar, mas que está sempre ajuda na limpeza. O fato é que nem sempre são as mesmas pessoas, essas eram as daquele dia e, quando alguém precisa sair, sempre tem outra pessoa para substituir.

Enquanto o grupo limpava o peixe, Sônia estava a cargo de fazer o almoço e receber os vizinhos e clientes que iam comprar o peixe, pois, além de vender os peixes na feira esses são vendidos também em casa. Alguns aproveitavam para comprar alface e coentro, produzidos na horta. Percebi que uma criança foi comprar coentro e Sônia colheu na horta de dona Severina, alegando que a plantação da mãe estava maior e em melhor condição para a venda. Ao receber o dinheiro da criança, Sônia entregou para a dona Severina; a mesma aproveitou o momento e foi para sua casa, dizendo que iria terminar de preparar seu almoço.

Sônia pesava e dava os preços aos peixes aos clientes que ali estavam, observei que havia uma flexibilidade em relação aos preços, uma das compradoras era a mãe da namorada de seu filho Cristiano, para essa ela fez um preço menor no peixe. Já para a vizinha dona Maria, Sônia vendeu o peixe pelo valor estipulado, mesmo com as queixas da cliente, explicou para vizinha que não podia vender mais barato, pois além de ter sido uma remessa pequena o peixe não estava dando muito lucro e que Silvinha estava enfrentando dificuldades para conseguir um bom número de peixes. Segundo Sônia, houve tempos muito bons, mas hoje aumentou muito o número de pescadores na maré, reduzindo o que cada um consegue pescar.

Sônia disse que houve um tempo em que a maré era farta e que por essa razão eles não precisavam vender na feira nem em casa. Repassavam o produto em atacado, não havia preocupação com vendas em varejo. Mas as coisas foram se complicando e o comércio não ia

bem e ela resolveu não passarem mais o produto e assumir a tarefa de ir à feira vender, gerando, contudo, um resultado positivo e lucrativo para seu negócio.

O dinheiro que recebe nas vendas é usado para fazer pagamento de contas como água, energia, e as compras da semana, e que essas contas são realizadas de acordo com o resultado das vendas, ou seja, quando a feira é boa e ela consegue vender os peixes a um preço normal, consegue pagar todas as contas, quando não está boa, paga uma das contas, geralmente a mais antiga e espera uns poucos dias e com isso a melhora das vendas consegue pagar as demais. Aponta também que é com o dinheiro da feira e com a ajuda do benefício da Bolsa família que realiza o pagamento de contas que eventualmente surgem, mas as compras de casa são realizadas todos os sábados.

Além de ser responsável pelas compras de alimentação e roupas é ela quem também resolve todas as outras questões econômicas da casa. Sônia está referindo-se no caso de realizações e pagamentos de contas de água e luz. Contou que Cristiano perdeu um dos seus dentes jogando bola e que o filho havia pedido para ela ir ao dentista ver o orçamento, que só compareceria no dia em que fosse fazer o tratamento dentário.

Sônia diz que mesmo sendo ela responsável por comprar, vender e pagar as coisas de sua casa, que sempre que vai fazer alguma outra coisa mais, por exemplo, a compra de um objeto que algum deles esteja precisando ou até mesmo pagamentos das contas mensais que sempre compartilha com o marido. Diz não ver necessidade de antes fazer um planejamento caso surja algo inesperado ou que venha a acontecer sem que Silvinha esteja em casa para resolver, por exemplo. Relatou um caso em que um de seus cachorros apresentou sintomas de que estava doente. Sônia disse que havia um apego pelo cachorro e sentiu que precisava levá-lo ao veterinário, havia um dinheiro guardado, esse sem finalidade naquele momento e ela resolveu levar o cão até a cidade e realizar a consulta; as contas gastas foram entre consultas e medicamento. Como Silvinha estava desde o dia anterior na maré, ela acrescentou que não tinha como combinar os gastos daquela ação com ele, mas pelo tempo de convivência e por já conhecer as atitudes de Silvinha, Sônia disse que fez sem pensar em preocupação por parte do marido, caso ele viesse a discordar. Contudo, passado umas horas Silvinha foi avisado por Rafael, pois, quando voltou da maré Sônia ainda não havia voltado da cidade. Segundo Sônia a reação de Silvinha foi a esperada por ela, não reclamou e concordou de imediato.

A certeza que Sônia saberia da reação de Silvinha segundo ela, é que o marido tem um apreço muito forte por animais. Inclusive, em minha última visita a campo, percebi que o cachorro de Maria, estava na casa de Sônia. Estava com uma aparência física, bem melhor, o

pelo bonito, Sônia falou, rindo, que o cão havia abandonado a casa de Maria e estava morando na sua. E estava indo para maré com Silvinha. Um dia por semana, Silvinha dá banho. Pediu para Sônia comprar medicamentos, para eliminar vermes e também que comprasse pó, para combater pulga e carrapato. Sempre que iríamos à aldeia, brincávamos com esse cachorro, pois, ele vivia dentro de um buraco, cavado por ele mesmo em baixo de uma sombra, passávamos várias vezes por ele e o mesmo continuava deitado, sem nenhum movimento, ação ou preocupação com a gente. Mas bastava Maria, a dona, chama-lo pelo seu nome e geralmente ela fazia, isso duas vezes, pausando o ritmo da voz. “Zé Bonitinho, Zé Bonitinho” e ele saía correndo ao encontro de Maria, para ir comer, depois voltava novamente. Maria disse, também em tom de risos, que Zé Bonitinho, lhe abandonou para morar com Silvinha. E nem chamando, para comer, o cão obedece. Sônia disse que iria naquela mesma semana comprar os medicamentos do cachorro e um para uma bicheira que apareceu em uma de suas vacas. Quero ressaltar que o cachorro que Sônia levou ao veterinário veio a óbito no dia seguinte a consulta, segundo Sônia o diagnostico medico apontou que a causa da morte pode ter sido provocada por picada de cobra. Como Wilk (1984) destacou, animais também podem ser membros de um grupo doméstico e o cuidado com este cachorro e esta vaca, inclusive com gastos com médico e com remédio, igual como os demais integrantes do grupo, indica um pertencimento deles ao grupo.

Entre os gastos, assim como Márcia, Sônia também pediu uma instalação de linha telefônica. Disse que o desconto recebido torna viável ter um telefone fixo em casa. Recebeu o convite de Márcia para ambas contratasse o pedido, mas confessa que no momento não demonstrou nenhum interesse e que recusou, mesmo se Sônia não aceitando Márcia fez o seu e em poucos dias o técnico foi instalar. Sônia disse que pensou melhor e fez umas contas comparando o que gastava mensal com créditos no aparelho móvel, o celular, e viu que seria uma grande vantagem em relação ao preço e imediatamente pediu para Márcia ir à cidade com ela para juntas contratarem o serviço, não foi necessário irem até a cidade, pois, do próprio aparelho de Márcia já houve possibilidade dela ligar e realizar o pedido por ali mesmo. Sônia diz está bastante satisfeita com o telefone em casa, ao serviço contratado tem facilitado de mais o contato dela com Leonardo, e além dela tem os irmãos e a avó que também usam o telefone.

Com a apresentação destes dados, podemos perceber o modo como se dá a organização doméstica do grupo analisado.

Considerações finais

Considero de extrema importância colocar que trabalhei aqui exclusivamente um grupo doméstico, encabeçado por dona Severina, e procurei entender o modo como se dá a socialização, com o intuito de analisar o modo como as gerações mais antigas seguem com os integrantes mais novos, sendo este grupo de dona Severina composto por integrantes de três gerações. Os dados mostraram que os mais velhos tentam passar ensinamentos e costumes aos mais novos. E de acordo com as dinâmicas que a pesquisa demonstrou, fez perceber que há sempre uma empatia dos mais novos sobre a forma de como seus pais passam suas experiências. Isso ficou claro quando apresentei a forma dos jovens se vestirem. Os mais velhos, tentando introduzir preceitos perpassa pela socialização, sendo que em suas visões os indivíduos das novas gerações precisam seguir seus ensinamentos, assimilando hábitos e regras.

Com relação às observações do papel das mulheres dentro do grupo, apresentei que não é possível imaginar essa mulher de modo genérico. A mulher está inserida no grupo de forma que foi possível ela construir uma forma própria de ser mulher, mulher na aldeia, mãe, companheira, mulher na horta, na feira. Pude articular os marcadores sociais necessários para as conexões com esta questão do gênero, a fim de extrair e trazer aqui os resultados. Concluo que não tive a intenção de trabalhar pontuando se existe ou não machismo/feminismo neste grupo. Observei e apresentei na ótica das mulheres do grupo, de como ela vivenciam tais realidades de papéis. É interessante ressaltar a importância que os homens dão ao trabalho das mulheres. Neste caso, a posição que ocupa dona Severina, na vida dos membros de seu grupo, está atrelada tanto a uma questão de moralidade, com um lugar de respeito, quanto à questão financeira. Pois a partir do momento que ela começa a contribuir com ajuda financeira para os filhos e netos, estes passam a ver nela uma figura central e determinante do grupo. O resultado da pesquisa possibilitou afirmar que a divisão social do trabalho na vida dos integrantes desse grupo é realizada desde muito cedo. E que mesmo com modificações no modo de vestir, os mais jovens são pressionados a terem comportamentos conservadores, e onde a mulher continua tendo uma jornada dupla de trabalho. Trabalham no roçado, na horta, na feira, mas cuidam e trabalham em seus núcleos residenciais também. Acredito que uma das principais contribuições da pesquisa foi mostrar que as mulheres desempenham tarefas fundamentais para a manutenção do grupo, isto atrelado a certa autonomia financeira, o que dá uma sustentabilidade entre padrões de gêneros, pois com essa independência financeira as relações de poder entre gêneros tendem a ser menos desequilibradas economicamente e moralmente.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Marianna de Queiroz. “Entre terreiros, roçados e marés: Um estudo sobre a organização doméstica entre os Potiguara do Litoral Norte da Paraíba”. Monografia (Graduação em Antropologia) – Centro de Ciências Aplicadas e Educação, 2015.

ARAÚJO, Marianna de Queiroz. “Ecologia doméstica e transação de conhecimento entre grupos domésticos potiguara da aldeia Jaraguá de Monte-Mór, PB. Defesa (mestrado em Antropologia) – Centro de Ciências Aplicadas e Educação, 2017.

BARTH, Fredrik. “Os grupos étnicos e suas fronteiras”. In LASK, Tomke (Org.). *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2000a.

_____. “A análise da cultura nas sociedades complexas”. In LASK, Tomke (Org.), *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2000b.

_____. “Por um maior naturalismo na conceptualização das sociedades”. In LASK, Tomke (Org.), *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2000d.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina/Pierre Kühner. - 11º ed. - Rio de Janeiro 160 p. Bourdieu tradução Maria Helena Bertrand Brasil, 2012.

BERGER, Peter L. & LUCKMAN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis, 1976.

FOCAULT, Michel. Vigiar e punir, História da violência nas prisões. Edição. 20, editora. Vozes. Tradução de Raquel Ramalhte. Petrópolis, Vozes, 1999.

FONSECA, Claudia. Família, fofoca e honra. Ed. UFRGS, 2º edição, Porto Alegre 2004.

KHOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Emoções e sociedade: um passeio na obra de Norbert Elias. Editora UFPR. Curitiba, 2013.

KHOURY. Mauro Guilherme Pinheiro. Uma comunidade de afetos: Etnografia sobre uma rua de um bairro popular na perspectiva da Antropologia das Emoções. Editora Appris. 1º edição. Curitiba, 2018.

LESSA, Patrícia. Estudos feministas e de gêneros, Maria Lacerda de Moura: uma educadora pela libertação das mulheres e animais não humanos. Ilha de Santa Catarina. P, 620. 2014

MALINOWSKI, Bronislaw. *“Os Argonautas do Pacífico Ocidental”*. São Paulo. Serie os Pensadores. Abril Cultural, 1984.

MARQUES, Amanda Christinne Nascimento. “Território de Memória e Territorialidades da Vitória dos Potiguara da aldeia Três Rios. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. As técnicas do corpo, editora, Ubu. São paulo1934. 1º edição. 576 pp. São Paulo, 2017

MAUSS, Marcel. *“Ensaio sobre a Dádiva”*. In: MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo, Cosac Naify, 2003.

OLIVEIRA, João Pacheco de. “Uma etnologia dos ‘índios misturados’”, Situação colonial, territorialização e fluxos culturais”. In J. P. de Oliveira (Org.), *A viagem da volta: Etnicidade, Política e Reelaboração Cultural no Nordeste Indígena*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Contra Capa. 2004.

PALITOT, Estevão Martins. *“Os Potiguara da Baía da Traição e Mont-Mor: história, etnicidade e cultura”*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.

TELES, Maria Amélia Almeida. Breve história do feminismo no Brasil, Editora Brasiliense S.A. 1ª. edição, São Paulo-SP, Tatuapé, 1999.

SCOPEL, Raquel Paiva Dias, A cosmopolítica da gestão, parto e pós-parto: práticas de autoatenção e processo de medicalização entre os índios Munduruku, IV prêmio (ABA) Associação Brasileira de Antropologia. Edição 2014-2015. Brasília, 2014.

96-117.

SILVA, Alexandra Barbosa da. “Organização doméstica, tradição de conhecimento e jogos indenitários: algumas reflexões sobre os povos ditos tradicionais”. 158 in: Raízes – Revista de Ciências Sociais e Econômicas. Vol 31, n. 1, jan-jun - 2011.2012, - pp. 96-117.

SILVA, Elisabete Joaquim da, “As filhas de Pascoal: nova ruralidade e condições de permanências no campo entre jovens agricultores no interior de Pernambuco”. Pessoa/PB

Defesa (mestrado em Antropologia) – Centro de Ciências Aplicadas e Educação. João Pessoa. 2013

WEBER, Max, os tipos de dominação. Economia e sociedade, Ed. UNB, Brasília (1921-[1999]) P. 139-188.

WILK, Richard, et al. “Introduction”. In R. McC. Netting; R. R. Wilk; E. J. Arnold (editors), Households. Comparative and historical studies of the domestic group. Berkeley: University of California Press, 1984